

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

SEXO, DROGAS E ROCK 'N ROLL:

"RAULSEIXISMO" O ESTILO PRÓPRIO DE CRÍTICA A DITADURA MILITAR

Hist / Ditadura / droga

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDH
Campus Srª Elvina - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
38400-000 - Uberlândia - MG - Brasil

3699

JOÃO DE SENE GONÇALVES

JOÃO DE SENE GONÇALVES

SEXO, DROGAS E ROCK'N ROLL:

"RAULSEIXISMO" O ESTILO PRÓPRIO DE CRÍTICA A DITADURA MILITAR

MONOGRAFIA APRESENTADA AO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO INSTITUTO DE
HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA SOB ORIENTAÇÃO DO
PROFESSOR DR. ALCÍDES FREIRE RAMOS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDH
Campus St. Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Cep. 38400-902 Uberlândia - MG Brasil

Uberlândia, 06 de julho de 2008

JOÃO DE SENE GONÇALVES

SEXO, DROGAS E ROCK 'N ROLL:

"RAULSEIXISMO" O ESTILO PRÓPRIO DE CRÍTICA A DITADURA MILITAR

MONOGRAFIA APRESENTADA AO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO INSTITUTO DE
HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA SOB ORIENTAÇÃO DO
PROFESSOR DR. ALCÍDES FREIRE RAMOS.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Alcides Freire Ramos

Doutor em história pela Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Maria Abadia Cardoso

Mestre em história pela Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Nádia Cristina Ribeiro

Mestre em história pela Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

Ao professor Alcides Freire Ramos, pela atenção que me foi dada, pela fontes e discussões que muito enriqueceram o trabalho, e animo com que o mesmo fez para que eu continuasse a pesquisa, sempre a me procurar pelos corredores , perguntando sobre a pesquisa.

Ao meu irmão Augusto em especial por toda a correção do trabalho, ajudando tanto na formatação como no esclarecimento das idéias, desde o primeiro momento até o final, essa monografia tem um pouco dele também. E principalmente pela paciência com que o mesmo teve durante todo este período e a Carol que participou do final da correção.

A Juliany Paiva pelos livros que me foi dado, tendo ligação direta com o tema do meu trabalho, e o carinho com que me ajudou na formatação, e discussões sobre as canções.

Aos meus amigos Fernando, Diogo, André, Rafael e Roberto que além, de participarem de grandes debates sobre as músicas, indicavam sites, e músicas que poderiam ser trabalhadas. Me alertando das críticas existentes nas mesmas, apontando qualquer novidade sobre o tema, sempre de uma forma agradável muita das vezes em companhia do álcool.

Aos meus familiares que me deram força financeira e condições para chegar até aqui, em especial minha mãe pelo grande incentivo para que eu continuasse no curso e formasse no tempo certo. E meu pai que sempre escutou Raul Seixas, sempre explicando suas metáforas, me despertando desde criança o interesse pelo tema. este que sempre brincou que Raul era vidente e previa a quebra do INSS em 1975.

Aos meus irmãos pela paciência e ajuda nas discussões, a Aline pela força e entusiasmo que me foi dado.

Ao Edy Star companheiro de Raul Seixas no disco Sessão das dez, pela breve entrevista cedida pelo orkut.

RESUMO

O trabalho consiste em apresentar Raul Seixas como um dos principais cantores no período militar no Brasil, mostrando sua visão do período militar, como era baseada suas críticas contra o sistema. Refletindo a suas letras e músicas, e seu comportamento ligado ao lema sexo, drogas e rock'n roll. Trabalhando na relação história e música em Marcos Napolitano, tendo como fonte direta os discos de Raul Seixas. Essa pesquisa consiste na análise poética das letras musicais, analisando principalmente a existência de figuras de linguagem, como a metáfora e a ironia, levando em conta outros métodos essenciais para uma análise poética. O trabalho remete a sua inserção na música popular brasileira através do raulseixismo. E sua briga contra toda e qualquer inserção em uma rotulação, e a luta contra o modismo da indústria cultural. Sua parceria com Paulo Coelho hoje um dos escritores mais famosos do mundo, que ganhou o sucesso através da parceria. Mostra o seu lado libertário sempre apoiando a sociedade alternativa onde todo homem deve fazer da sua vontade suas leis. Sua imagem como maluco. Raul era usuário de drogas e nunca negou, e fazendo a relação com sua sexualidade pervertida para época, lutando contra o sistema de forma inteligente e louca, tornado-se referência para qualquer assunto a ser tratado, seja no campo da história, filosofia. Um gênio na música e na arte de criticar a ditadura militar.

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	6
I. RAUL SEIXAS LIBERDADE E MEDO NUMA CRÍTICA AO PERÍODO MILITAR NO BRASIL.....	25
I.I – UM NOVO MODO DE CRITICAR: O DEBOCHE AOS MILITARES.....	25
I.II – UM NOVO MODO DE CRITICAR: O DEBOCHE AOS MILITARES.....	31
I.III- UM FANTASMA ASOMBRA A INTELECTUALIDADE: MORTES E TORTURA, O CHEIRO DO MEDO SE ESPALHA NO AR.....	35
I.IV- CHEGOU OS ANOS 80 E NADA MUDOU.....	43
II. TEDDY BOY, ROCK E BRILHANTINA: UM BAHIANO DIFERENTE.....	47
II-I A TRANSFORMAÇÃO DO ANJO DO INFERNO.....	47
II-II CONTRA A TURMA DA ESQUINA E QUALQUER FORMA DE PADRONIZAÇÃO.....	54
III SEXO, DROGAS E ROCK’N ROLL.....	67
III-I DROGAS.....	69
III.II SEXO – MACHISMO E PERVERSÃO.....	77
CONCLUSÃO.....	85
FONTES E REFERÊNCIAS.....	91

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO

O trabalho consiste em apresentar Raul Seixas como um dos principais cantores no período militar no Brasil. Pretendo, de certa forma, não correr o risco de ficar cego em minha pesquisa, nem deixar que a paixão pelo tema fale mais alto, controle que Marcos Napolitano nos aponta quando o tema é música.

É necessário relacionar letra e música, principalmente em um autor que utilizou-se do rock'n roll como estilo musical para contestar o governo militar. Faz-se então necessária uma contextualização com a história do Brasil, após 1964, aprofundando-se mais necessariamente na década de 1970, “onde temos o tido milagre econômico, índices elevadíssimos do PIB, não nos esquecendo que a censura e o AI-5 assombram a intelectualidade brasileira”¹. Nesse percurso dessa década o Brasil vive sobre uma ditadura militar. O trabalho então consiste em analisar como suas composições ao longo das décadas de 1970 e 1980, permite-nos realizar um estudo sobre este período militar no país.

Raul seixas foi um grande crítico ao regime e a ditadura militar, mas ainda não conseguiu seu espaço na história como um grande crítico que foi. Às vezes taxado de louco,² marginalizado, mas teve importância fundamental tanto na área da música como roqueiro, mas também na história como um grande letrista, que nos ajuda a compreender o cenário da ditadura e principalmente o contexto da abertura política.

“Raul Seixas teve muitos parceiros alguns compuseram uma ou poucas músicas, já outros tiveram maior dimensão em sua obra, entre os quais destacamos Paulo Coelho e Cláudio Roberto. Com o primeiro compôs 39 canções e 30 com o segundo”³ Seria tolice querer averiguar quem foi o principal compositor das canções -- para Luciana Alves “Paulo Coelho era intelectual e fala difícil, enquanto Raul era debochado e usava uma linguagem direta ao público”.⁴ --, mas de suma importância averiguar como se deu

¹ DEVIDES, Dílson. *30 Anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007p.8

² ABONIZIO, JULIANA. *O Protesto dos Inconseqüentes: Raul Seixas e micropolítica*. Assis, 1999.474 f.dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Disponível em <<http://groups.msn.com/RaulRockClub?julianaabonizio.msnw>> Acesso em: 02.06. 2008, não paginado

³ Idem não paginado

⁴ ALVES, Luciene. *Raul seixas o sonho da sociedade alternativa*. São Paulo: Martin Claret, 1993p.39

essa parceria, que rendeu tantos sucessos, principalmente com o literato Paulo Coelho, que é hoje um dos maiores vendedores de livros do mundo.

É importantíssimo ressaltar sua característica musical, o rock'n roll, que surge no sul dos Estados Unidos advento de uma mudança rítmica, a forte marcação da bateria, as letras cantadas bem alto, enfocando temas nada convencionais, as vestimentas, o rebolado, tudo servia para afrontar o sistema, adquirindo seu caráter de protesto à sociedade. Lembrando que também na década de 70 e 80 existe uma apropriação desses valores, pela moda, descaracterizando o foco desse movimento ⁵: a influência da indústria cultural. O rock se torna uma música de preferência dos jovens, “e é a primeira música a usar sistematicamente de instrumentos eletrônicos em lugar de instrumentos acústicos e a se valer da tecnologia eletrônica”⁶.

O rock não pode ser desvinculado do movimento hippie, pois este é o que lhe caracteriza a vestimenta e sua ideologia fundada em sexo, drogas e rock'n roll. Esta afirmação podemos retirar de vários autores que escreveram ou falaram sobre o rock.

No Brasil, esse movimento no início foi contestado pela existência dos instrumentos eletrônicos, e foi considerado um movimento na contra - cultura, e de quebra da estética e comportamentos, abrindo também várias vertentes como a jovem guarda, o tropicalismo e os roqueiros mais assumidos, como Raul Seixas. Essas vertentes se tornaram mais fortes entre a juventude não universitária⁷.

Neste contexto, então, vai surgir a música de protesto. Uma música que criticava o sistema de forma clara, mas ao mesmo tempo camuflada, para entrar em circulação nacional. Teve como seus principais nomes Geraldo Vandré, Chico Buarque, que se utilizou até de pseudônimos, Gilberto Gil e Caetano Veloso, dando importância aos festivais da música brasileira, que começam as ser exibidos na extinta TV EXCELSIOR em abril de 1965, só depois pela TV RECORD e pela TVGLOBO. As platéias davam a aura dos mega festivais, apoiando seus favoritos, dando a estes o fator de palco para a arte. Raul Seixas terá sua participação em 1972 defendendo *Let Me*

⁵ CORRÊA, Tupã Gomes. *Rock, nos passos da moda: Mídia, Consumo x Mercado Cultural*. Campinas: Papirus, 1989p.50-51

⁶ HOBBSAWM, Eric. *História social do jazz*: [Tradução Angela Noronha]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990p.20

⁷ NAPOLITANO, Marcos. *História e música, História cultural da música popular*. Belo horizonte: Autêntica, 2002. p.71

Sing. Os festivais eram palcos de abertura para crítica ao sistema, porém, perdem sua força após o AI-5⁸.

Este trabalho consiste em fazer uma parceria entre história e música, isto que nos é possibilitado através da Nova História, ou escola dos *Annales*, que foi uma revolução na historiografia francesa, “combatendo a uma história narrativa e do acontecimento, a exaltação de uma historiografia do problema, a importância de uma produção voltada para as atividades humanas e não só a dimensão política e, por fim, a necessária colaboração interdisciplinar”⁹.

Lembrando que a música não fala por si própria, Marc Bloch nos deixa bem claro, “que o fato histórico não é um fato ‘positivo’, mas o produto de uma construção ativa de sua parte para transformar a fonte em documento e em seguida, constituir esses documentos, esse fatos históricos, em problema.”¹⁰ Esse trabalho consiste em fazer uma análise sistemática da obra de Raul Seixas, analisando a sua importância como um dos precursores do rock no Brasil, e fazendo uma interpretação de suas canções, de maneira científica levando em consideração o período histórico envolvido, a ditadura militar.

Essa pesquisa consiste na análise poética das letras musicais, analisando principalmente a existência de figuras de linguagem, como a metáfora e a ironia, levando em conta outros métodos essenciais para uma análise poética, como:

- (Periodização histórica
- Existência de figuras de linguagem
- Quem foram os autores?
- Como se deu a vinculação das canções?
- Para quem as músicas foram escritas?
- Qual era o público alvo?
- Se chocava ou não a sociedade?
- Qual o desejo que estava em ordem?

⁸DEVIDES, Dílson. *30 Anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007p.8

⁹TAVARES, M. H. e WEIS, L. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998p.10

¹⁰ BLOCH, March. (apud: LE GOFF, *Apologia da História ou O ofício do historiador*; prefácio Jacques le Goff; apresentação a edição brasileira, lilia Moritz Shwarcz; tradução, André telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001Marc Bloch

- Quantas vozes, posições e identidades estão engajadas na prática em questão?)¹¹

O objeto em questão são as músicas feitas por Raul Seixas, no período militar e após o término da ditadura, mas criticando este período, ressaltando sua parceria com Paulo Coelho. E também fazendo um reflexo da relação entre a musicalidade e o autor numa análise do ritmo musical, levando em conta, sem nos esquecer que “é preciso nunca perder de vista os efeitos gerados pela totalidade letra e música”¹² os seguintes tópicos:

- (Melodia
- Arranjo
- Andamento, rápido ou lento
- Vocalização
- Gênero musical
- Valores rituais
- Valores técnicos
- Valores eróticos
- Valores políticos)¹³

É importante ressaltarmos que “na pesquisa histórica, a pesquisa sobre música não foge a regra, a teoria serve mais para elaborar as perguntas do que premeditar as respostas.”¹⁴.

Portanto pretendo em meu trabalho, fazer uma pesquisa histórica e analítica sobre as letras de Raul Seixas, colocando suas idéias de uma forma científica, metodológica para uma compreensão do período militar, utilizando-se da história da música como veículo, tendo como principais fontes os discos abaixo:

*SEIXAS, Raul. *krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP

*SEIXAS, Raul. *Gita*. Made in Brasil: Philips, 1974. 1LP

*SEIXAS, Raul. *O rebu*. São Paulo: Som livre. 1974 1LP

*SEIXAS, Raul. *Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP

*SEIXAS, Raul. *O Dia em que a terra parou*. Made in Brasil: WEA.1977. 1LP

*SEIXAS, Raul. *Mata Virgem*. Made in Brasil: WEA. 1978. 1LP

¹¹ NAPOLITANO, Marcos. *História e música, História cultural da música popular*. Belo horizonte: Autêntica, 2002p.102-103

¹² Idem p.99

¹³ Idem . p. 103 a 107.

¹⁴ Idem p.104.

- *SEIXAS, Raul. *Abre-te Sésamo*. São Paulo: CBS. 1980. 1LP
- *SEIXAS, Raul. *Metrô Linha 743*. São Paulo: Som Livre. 1984. 1LP
- *SEIXAS, Raul. *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah_béin-Bum!*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1987. 1LP
- *SEIXAS, Raul. *A Pedra do Gênesis*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1988. 1LP
- *SEIXAS, Raul e Novas, Marcelo. *A Panela do Diabo*. Made in Brasil: WEA. 1989. 1LP

O GOLPE DE 1964: 20 ANOS DE DITADURA MILITAR NO BRASIL

A ditadura militar no Brasil começa no interminável primeiro de Abril de 1964,

“Interminável porque começou no dia 30 de março quando o general Carlos Luís Guedes se preparou para marchar de Belo Horizonte a Brasília; prosseguiu na madrugada de 31, quando o general Olímpio Mourão Filho deixou Juiz de Fora a caminho do Rio de Janeiro, e se estendeu no dia 2, quando chuvas de papel picado cobriram o centro das principais cidades à medida que as últimas notícias iam chegando das rádios, ouvidas por muitos milhares de pessoas, em casa, nos escritórios, nos bares e nas lojas, confirmavam que o presidente João Goulart partira para o Uruguai e que os militares se preparavam para assumir o controle político do país. Mas enquanto setores da população comemoravam na rua a que da do governo constitucional – a revolução, como se iria dizer, outros receberam chocados e atônitos, o triunfo do golpe.”¹⁵

Os militares ao se instalarem no governo começam um novo ideal político no Brasil. Ao tomarem o congresso nacional, rapidamente elegem Humberto de Alencar Castelo Branco à presidência do Brasil de forma indireta. O Golpe iria mudar o contexto de vida do cidadão brasileiro, uma vez que havia deposto o tão contestado populismo, que agora iria deixar saudades principalmente naqueles que defendiam eleições diretas. O populismo tentava a dezoito anos, bem ou mal implementar benefícios ao povo.

“Passado o surto inicial de repressão as lideranças civis e militares identificadas com o governo deposto, e a feroz perseguição aos sindicalistas urbanos e rurais, os dois primeiros presidentes militares concederam razoável liberdade de movimento às

¹⁵TAVARES, M. H. e WEIS, L. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; p.323

oposições.”¹⁶, gerando grande contestação no campo da imprensa, jornais, universidades, e principalmente no teatro e na música.

Neste período iniciam-se os atos institucionais, como exemplo o ato institucional número 2, que extingui os partidos políticos, criando duas frentes: a ARENA, composta pelos militares e militantes da direita, e o MDB que representava a oposição restrita, composta por membros dos extintos partidos de esquerda.

No governo de Artur Costa e Silva, começa a surgir grandes manifestações civis contra o regime militar, como a Passeata dos Cem Mil. Neste contexto então surge o grande pesadelo brasileiro: é criado o ato institucional número 5, o famoso AI-5.

“Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968

Baixa disposição sobre a decretação do recesso do Congresso nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores, intervenção nos Estados e municípios, suspensão de direitos políticos e garantias individuais e decretação do Estado de Sítio.

O Presidente da República federativa do Brasil, ouvido o Conselho de Segurança Nacional e (..)

Considerando que, assim, se torna imperiosa a adoção de medidas que impeçam sejam frustrados os ideais superiores da Revolução, preservando a ordem, a segurança, a tranquilidade, o desenvolvimento econômico e cultural e a harmonia política e social do país comprometidos por processos subversivos e de guerra revolucionária.(...)”¹⁷

Com o advento do AI-5, a liberdade de expressão foi cancelada e dá-se início a uma nova forma de governo militar. É chegada a hora do mais temido dos presidentes do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, que marcou seu governo pelo silêncio das oposições.

“Esses foram os anos lacerantes da ditadura, com o fechamento temporário do Congresso, a segunda onda de cassação de mandatos e suspensão dos direitos políticos, o estabelecimento da censura à imprensa e às produções culturais, as demissões nas universidades, a exacerbação da violência repressiva contra os grupos oposicionistas, armados ou desarmados. É, por excelência, o tempo da tortura, dos alegados desaparecimentos e das supostas mortes acidentais em tentativas de fuga. É também, para a classe média, o tempo de melhorar de

¹⁶ idem, p. 323.

¹⁷ (Publicado no Diário Oficial da União, de 13 de dezembro de 1968)

vida. O aprofundamento do autoritarismo coincidiu com, e foi amparado por um surto de expansão da economia o festejado milagre econômico.¹⁸

Este período da história brasileira pode ser considerado como, um pobre período cultural devido à grande repressão. A imprensa se calava diante do medo. É um período marcado pelo medo, falta de liberdade, e altíssima manipulação de informação, como pode ser vista na fala do próprio Médici.

“Sinto me feliz todas as noites quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta das greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante, após um dia de trabalho.”¹⁹

Podem exemplificar os cortes feitos pelo AI-5 para controlar a imprensa e os meios de comunicação, alguns dados deste período em dez anos de vigência do AI-5:

Filmes proibidos	500	Direitos políticos perdidos	66
Peças de teatro vetadas	450	Cassações de mandatos	313
Livros censurados	200	Aposentadorias compulsórias	348
Revistas retiradas de circulação	100	Militares reformados	139
Letras de música cortadas	50	Demissões de executivos do governo	129
Capítulos de novelas cancelados	12		

(fonte:iuperj/zuenir ventura(1968-o Ano que não terminouapud CARMO,2003;p.113)

Médici se vangloriava do plano do desenvolvimento brasileiro, o chamado milagre econômico, que construía obras faraônicas, muitas nunca terminadas, como a Transamazônica. Médici regia seu regime através do lema ‘Brasil ame-o ou deixe-o’, e se apoderava do mérito conquistado pelos brasileiros na década de 70. A seleção canarinho empurrou mais um lema: “este é um país que vai pra frente”, e chegava aos maiores níveis de desigualdade social já vistos no país; o bolo realmente crescia mas nunca fora repartido. Sobre tamanha alusão ao regime do milagre econômico teve também quem se queixou deste comodismo implantado nesta época.

¹⁸ TAVARES, M. H. e WEIS, L. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;p.332,333)

¹⁹ CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003. ;p.112)

“Raul seixas (1945-1989) deu a resposta ao clima alienante em que muitos trocaram a preocupação política pelo acesso às quinquilharias do consumo. Em Ouro de Tolo, de 1973, confessa um pouco de sua vida, já que o próprio cantor poderia ter se acomodado no cargo de executivo da gravadora CBS. Inconformado, Raul Seixas expressa, com humor e ironia, o horror ao tédio. Para quem viveu os agitados anos 60, aparentemente nada de novo acontecia na década seguinte. A maioria de seus fãs era de classe média baixa. E Ouro de tolo, seu primeiro sucesso, entoa o hino do desencanto com o milagre brasileiro do início da década. Os símbolos de status e de melhoria de vida, como automóvel, casa própria, segurança material, são denunciados como “falso metal,” que atrai os “tolos.”²⁰

Com o fim do governo Médici, uma nova esperança chega à população brasileira. Com ela também vem um aumento da bancada do MDB, que induz o novo presidente Ernesto Geisel -- que criava toda uma expectativa de redemocratização -- a fechar novamente o congresso e criar os senadores biônicos governando através de decretos. Mas também é em seu governo que se inicia a longa transição para um governo civil.

“Esse período, que começam com a posse do general Ernesto Geisel na presidência, guarda alguma semelhança com o primeiro, o de 1964 a 1968, do ponto de vista do espaço aberto às oposições: seus limites ora se ampliam ora se retraem; de novo não há parâmetros definidos para o que é tolerado ou intolerado. A tortura e morte do jornalista Vladimir Herzog, o Vlado, no Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), de São Paulo, no auge da selvagem temporada de caça aos comunistas, tentativa da ultradireita de estrangular a controlada abertura em gestação, pareceu extinguir a luz no fim do túnel. Mas a crítica pública ao regime voltaria a se ampliar, englobando então crescente número de dissidentes civis e militares do autoritarismo. De toda a forma, o medo e a incerteza permanecem até quase o término do período.”²¹

Ernesto Geisel não pôde contar com o clima de desenvolvimento vivenciado por seu antecessor. “Com o fracasso do milagre econômico, precipitado pela crise do petróleo, o governo teve que recorrer a uma nova estratégia de legitimação. Os níveis

²⁰ Idem ;p.113,114).

²¹ TAVARES, M. H. e WEIS, L. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 ;p.335)

de descontentamento aumentavam na sociedade”²². Geisel planejou então uma abertura lenta e gradual, revogou o AI-5, implementou a emenda constitucional 11 em 1979, que anulava outros dispositivos de caráter autoritários. No entanto a medida ainda previa que o presidente poderia decretar estado de emergência por noventa dias, onde várias garantias individuais poderiam ser suspensas.

Geisel também teve como marca o número de desaparecidos políticos.

“No regime anterior, esses órgãos geralmente assumiam as prisões dos opositores que em seguida apareceram mortos, oferecendo versões de que haviam sucumbido por terem sido atropelados após uma tentativa de fuga ou devido terem cometido suicídio.

No ambiente político menos opressivo da segunda metade da década de 1970, quando a imprensa voltou a ter mais liberdade e os parlamentares emedebistas podiam denunciar as violências dos agentes de segurança, essas versões desacreditadas podiam ser motivo de questionamento.

Dessa maneira, o aparato repressivo começou a negar a prisão de todos os opositores assassinados se a desaparecer com seus cadáveres. É por conta disso que a grande maioria das famílias de opositores mortos sob o governo Geisel jamais a recuperou os corpos para que pudessem enterrá-los.”²³.

Neste contexto percebemos que em seu governo, Geisel também perseguiu militantes de esquerda e operários. No fim de seu governo tem-se início a greve do ABC paulista, onde cinco operários são mortos em 1979 em confronto com a polícia, que reprimia com força ostensiva as greves. Fez-se também necessário a Geisel coibir os órgãos repressivos, que desde o período Médici, gozavam de alto grau de autonomia em suas ações relativas ao governo federal. Mas sem dúvida Geisel teve seu período menos conturbado que o de Médici, que já havia eliminado grande parte da esquerda, e dado fim à luta armada. Como mostra o quadro seguinte.

Assassinatos políticos entre 1964 e 1979

Ano	Militantes de org. de esquerda	outros	total
1964	8	11	19
1965	1	1	2
1966	1	1	2
1967	3	0	3
1968	0	8	8
1969	16	2	18

²² MATHOS, Marco Aurélio Vannucchi, SWENSSON. Walter Cruz. *Contra os inimigos da ordem; repressão política da ditadura militar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; p.64

²³ Idem ;p.70

1970	27	1	28
1971	46	2	48
1972	57	1	58
1973	71	2	73
1974	41	0	41
1975	14	0	14
1976	5	2	7
1977	0	0	0
1978	0	0	0
1979	0	5	5
total	290	36	326

(Fonte : Nilmário; Tibúrcio, Carlos, *Dos filhos deste solo, Mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar. A responsabilidade do Estado.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Boitempo,1999.apud MATTOS E SWENSSON,2003;p.72).

Geisel preparou o ambiente para a abertura política e iniciou este processo em seu governo, abrindo as portas para seu sucessor João Batista Figueiredo.

Figueiredo manteve a política de abertura lenta e gradual do regime, através da liberalização política, tentando amenizar os conflitos existentes dentro da própria elite a fim de manter o regime militar.

Um de seus principais projetos foi a lei de anistia a pessoas que haviam sido condenadas ou cassadas por motivos políticos. Desta forma várias pessoas puderam retornar ao país, e puderam assim participar da vida política novamente. Todos os presos políticos acabaram libertados.

Mas ao mesmo tempo Figueiredo criou uma certa oposição, e seu governo ficou marcado pela violência, cometida por terroristas contrários as medidas liberalizantes, como podemos ver na citação abaixo.

“Resolutamente contrário às medidas liberalizantes do governo Figueiredo, os organismos de segurança interna intensificaram os atos terroristas, esse tipo de ação iniciado em 1968 como reação ao avanço da oposição ao regime, praticamente desapareceu no período posterior ao AI-5, uma vez que a oposição estava intimidada e controlada por outros meios. Mas o terrorismo de direita ressurgiu com a política de distensão de Geisel alcançou seu auge no início da década de 1980.”²⁴.

Figueiredo encontra pela frente, oposição dentro do próprio militarismo, com a intensificação dos ataques terroristas como pode se ver no quadro a baixo:

²⁴ Idem ;p.82

Ações terroristas no período 1968-1980

Ano	N de ações
1968	23
1969	3
1970	2
1971	0
1972	0
1973	0
1974	0
1975	0
1976	8
1977	3
1978	6
1979	10
1980	31
total	86

Fonte: Deckes, Flávio, *radiografia do terrorismo no Brasil: 1966-1980*. São Paulo: Ícone, 1985, p. 129-133. apud (MATTOS e SWENSSON, 2003, p. 83).

Tornou-se para Figueiredo o maior obstáculo e principal tarefa neutralizar os ataques de direita, contra sedes da OAB, a Ordem dos Advogados do Brasil e do CNBB, Centro Nacional de Bispos Brasileiros, e tantos outros que estavam ocorrendo, neste período. Acabou por extinguir no final de seu governo os DOI-CODIs; a repressão passou para a mão da polícia federal, estadual e por policiais civis; mas nunca abriu mão da coerção política quando se via necessário como na repressão a greve dos metalúrgicos.

“Em 1985, por uma transição negociada, o regime militar chegava a seu acaso. Uma série de acontecimentos, que incluíam crise econômica, pressão popular, perda do apoio de setores políticos, empresariais e militares, abreviou sua duração. Contudo legou após governantes civis que lhe sucederam fortes resquícios de sua estrutura legal e administrativa de controle político, o que ficava particularmente evidente na continuidade das atividades do SNI e na vigência da Lei de Segurança Nacional (Lei 7.170/83) promulgada no governo Figueiredo.”²⁵.

Termina desta forma a ditadura militar, deixando vários vestígios, principalmente, em um tempo que foi abafada a produção cultural, mas que surgiu também grandes compositores e artistas como Raul Seixas e tantos outros.

²⁵ Idem ;p.85

MOVIMENTOS JUVENIS

O INÍCIO DO ROCK

Na década de 50, um fenômeno musical invade o mundo jovem, é estilo rock'n roll,

“Surgido nos anos 50, o rock foi um grito musical capaz de ser veículo do descontentamento com um toque de irreverência, expressando as desesperanças, e se associando a delinquência juvenil. Ele já nasceu atrevido e abusado: o nome é originado da união de duas gírias, rock (sacudir) e roll (rolar), com alusão aos movimentos sexuais. Fenômeno novo, o rock escandalizava os velhos.”²⁶

O rock que toma conta dos cinemas em todo mundo, tendo como principal astro Elvis, levando uma nova forma de dançar de jogar a cintura e de se fazer música, se contrapunha também ao modo de vestir da juventude – a jaqueta de couro, a calça rancheira e as lambretas, não podia faltar a brilhantina –, e os jovens começavam a deixar os cabelos crescerem, para fazer um topete igual do Elvis.

O cinema ocupa papel de grande importância na difusão dessa nova conduta jovem, com filmes como juventude transviada, que mostrava os anseios dos adolescentes de classe média, criando-se mitos como James Dean, que possuía personagens que mesclavam sua vida pessoal com o viver intensamente, arriscar sempre.

“O rock cativava em público jovem que começava a fazer desse tipo de música a expressão de seu descontentamento e revolta. É a famosa juventude transviada, com suas gangues, motocicletas e revolta contra os professores em sala de aula. Já começava a delinear uma consciência etária alimentando a oposição jovem / não jovem. Para os adultos não passava de uma revolta sem razão.”²⁷

Este estilo aos poucos começa a pegar gosto no Brasil “quem estava atento a isso tudo era rapaz nascido em Salvador, chamado Raul Seixas. Dois anos após a exibição do filme Sementes de violência ele criava um conjunto de rock a febre só aumentaria mais.”²⁸

²⁶CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003. (p.30).

²⁷Idem, p.113,114

²⁸Idem, P.33

“O que me pegou foi tudo não só a música. Foi todo o comportamento rock. Eu era o próprio rock, o *teddy boy* da esquina, eu e minha turma. Porque antes a garotada não era garotada, seguia o padrão do adulto, aquela imitação do homemzinho, sem identidade. Mas quando Bill Haley chegou com *rock around the clock*, o filme *no balanço das horas*, e eu me lembro, foi uma loucura pra mim. Agente quebrou o cinema todo, era uma coisa mais livre, era minha porta de saída, era minha vez de falar, desubir num banquinho e dizer eu estou aqui. Eu senti que ia ser uma revolução incrível. Na época eu pensava que os jovens iam conquistar o mundo.”²⁹

Mas não foi apenas Raul Seixas, que se destacava como roqueiro pelo contrário neste período, o rock se iniciava nos anos 50 Raul tava mais preocupado com a postura que com a música em si, neste período o que dominava o cenário brasileiro era o samba e a bossa nova. mas o rock teve seus primeiros sucessos no Brasil ainda nos anos 50.

“Quem chegou mesmo para arrombar a festa, ainda não tanto com muita fúria, foram os irmãos Tony e Celly Campello. Mas as melodias nacionais e versões cantadas eram bem Açucaradas. Celly, a primeira namoradina do Brasil, gravou no final dos anos cinquenta e início dos 60 sucessos como *Estúpido cupido*, *Banho de Lua*, *lacinhos cor de rosa* e *broto certinho*. Em 1962, Celly abandona carreira para casar-se. Cativando uma geração, ela foi a antecessora da jovem guarda.”³⁰

JOVEM GUARDA

Cultura nacional *versus* cultura internacional: esse era o debate fundamental que permeava toda a produção musical no Brasil da década de 1960. A rivalidade entre as tendências era evidente. As guitarras, a irreverência e a rebeldia do novo fenômeno que invadia o mundo, desde a década de 1950, chamado *rock'n roll*, escandalizava os mais velhos e as correntes nacionalistas brasileiras. Estas defendiam com unhas e dentes a pureza da música brasileira.

Contra pondo a isso a jovem guarda, surge no Brasil, na onda de grande sucessos de versões norte americanas, com uso da musicalidade estrangeira, é importante lembrar que a jovem guarda, ocorreu antes do movimento hippie e do grande concerto de Woodstock, de 1969.

²⁹ SEIXAS apud CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003.p.33

³⁰ CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003.;P.35

“Ditando moda, os cabelos longos de Roberto (à Beatles), os anéis e colares reluzentes de Erasmo, as roupas coloridas, as gírias ou qualquer atitude ensaiada no palco em logo imitados pelo grande público. Desmaios, choros, correrias e gritos irão acompanhar as apresentações dos cantores.

A explosão da jovem guarda esteve vinculada à televisão e a um esquema publicitário já premeditado. O movimento introduziu o Brasil no mundo agitado da cultura pop e criou os primeiros ídolos “jovens” do país brincalhões e inovadores, em tudo muito distantes dos cantores e cantoras das décadas anteriores, como Francisco Alves, Orlando Silva, Ângela Maria”³¹.

O nome jovem guarda seria criado em 1965 pelo publicitário Carlito Maia, inspirado na frase de Lênin “O futuro pertence à jovem guarda porque a velha já está ultrapassada,” para batizar o programa da TV Record onde os artistas do *iê-iê-iê* se apresentariam nas tardes de domingo. Mas, já antes de 1965, esses artistas vinham se destacando e se popularizando por todo o Brasil. Roberto Carlos, por exemplo, em 1963 já despontava com a música *Splish, Splash* (versão de Erasmo Carlos para a música de Bobby Darin) e depois com o estouro que lhe faria “rei”: *O Calhambeque*. Como a música de Roberto Carlos já demonstrava, a turma do *iê-iê-iê* estava interessada em carrões, paqueras e, é claro, tocar nas rádios. Nada de mudar o mundo com canções políticas ou defender a música nacional – o que, a rigor, não os coloca como apolíticos. A essas questões uma outra música emblemática de Roberto Carlos responderia pela Jovem Guarda e revelaria seus verdadeiros interesses: *Quero que vá tudo pro inferno*. As músicas eram feitas basicamente para cantar e dançar, puro entretenimento. Suas letras eram ingênuas, na maioria versões de sucessos do rock americano e/ou britânico, que falavam de namoro, roupas, como exemplo a mini saia de Wanderléa, que exibía seu corpo insinuante as pernas de fora, carros, velocidade, nada mais.

Mas, como o contexto era de intenso debate sobre cultura nacional e cultura internacional e, acrescente-se a esse a também intensa questão da arte engajada *versus* arte alienada, a jovem guarda não escapou das críticas e da desaprovação dos ditos nacionalistas e engajados na política. Para estes, a jovem guarda e seus “roquinhos” primários, de letras fáceis e convite ao consumo, era um grupo de jovens alienados expostos ao imperialismo cultural norte-americano.

³¹ Idem ;p.45

MPB

A MPB está intimamente relacionada com os Festivais de Música Popular Brasileira, o qual a primeira edição ocorreu em 1965 com a realização da extinta TV Excelsior e que teve como primeira finalista Elis Regina interpretando *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes. Esta música é frequentemente apontada como o marco da MPB, momento em que os outros gêneros musicais até então em evidência, como a *Bossa Nova*, seriam substituídos pela “hegemonia” da MPB.

O parto do novo gênero brasileiro se deu sob a ditadura militar, e o fato dele ser diversificado do ponto de vista estilístico-musical proporcionou que no seu interior estivessem os músicos mais perseguidos por oposição à ditadura, haja vista que os músicos de MPB cantavam e eram escutados por multidões, pois, sempre tiveram espaço nos meios de comunicação – como rádio e televisão – e eram grandes “vendedores” de discos.

Dentre os nomes consagrados da MPB e que muito sofreram com a censura e perseguição por parte dos militares podemos destacar Chico Buarque e Geraldo Vandré. Chico, sem dúvida nenhuma foi um dos grandes letristas da ala de protesto da MPB se destacando já nos primeiros festivais, obtendo colocação de destaque em 1966, com sua composição *A banda*, interpretada por Nara Leão e em 1967 faturou o terceiro lugar com *Roda Viva*. Um indicativo da importância da música de Chico Buarque como canção de protesto que assinalava as condições autoritárias do Brasil no pós 1964 é o grande número de trabalhos acadêmicos que estabelecem um diálogo/reflexão entre a obra de Chico e o contexto político e social da época.

Outro músico de destaque no período, também ligado à ala de protesto da MPB foi Geraldo Vandré que, assim como Chico, foi exilado pela ditadura militar. Dividiu o lugar de destaque no festival de 66 com Chico quando sua composição *Disparada* empatou com *A banda*. Sua composição mais famosa é *Pra não dizer que não falei de flores*, segundo lugar no festival de 68, e que se tornaria um hino na luta contra o autoritarismo e a repressão do governo instituído a contra-gosto em 64.

Como deixamos a entender acima, os festivais não tinham uma rigidez em relação ao gênero musical dos participantes. É por essa flexibilização na estrutura dos festivais que é possível em 1972, ano em que quem leva a melhor é Jorge Bem com *Fio Maravilha*, Raul Seixas subir ao palco e defender *Let Me Sing*. Embora músicos de

gêneros diferentes, tanto Raul quanto Jorge, produziram canções que questionavam a legitimidade do regime político estabelecida à época.

TROPICÁLIA

Tropicalismo foi um movimento de grande e heterogênea amplitude, de correntes nem sempre convergentes, de mesma matriz e com os mesmos objetivos. Além disso, é preciso também colocar que o movimento tropicalista não se limitou à produção musical mas, estendeu-se por outras áreas artísticas como as artes plásticas e o teatro. Aqui, nosso enfoque será o Tropicalismo musical, talvez o que teve maior público e fama.

Considera-se 1967 o ano dos eventos fundadores do Tropicalismo. Este é o ano em que já mostrava decadência o programa Jovem Guarda e do auge dos *Festivais de Música Popular Brasileira* TV Record, que agitavam a juventude que presenciava um dos melhores momentos da produção da música popular brasileira e via nascer a MPB. No III Festival, em agosto de 1967, apresentam-se os jovens Caetano Veloso e Gilberto Gil com as músicas *Alegria, alegria* e *Domingo no parque*, respectivamente. Nenhuma das duas venceu o Festival mas, elas anunciavam um novo movimento musical, um ano depois “batizado” de Tropicalismo.

O tropicalismo surge como o novo, seguindo alinha evolutiva da música popular brasileira, e contendo também no comportamento e na letra uma crítica a ditadura como na interpretação abaixo da canção *Alegria Alegria*.

“Como em uma sucessão de fotogramas, as palavras de *Alegria, alegria* parecem relacionar-se ao acaso ou, em princípio, não haver ligação de sentido. Para compor a significação, é preciso armar-se de imaginação e supor o contexto histórico da canção (...). No conjunto, sugere-se um sujeito que, caminhando pelas ruas da grande cidade, saturada de imagens, num dia de verão e observando a primeira página de um jornal, parece não se interessar por nada.(...) A construção da canção se alicerça na reunião de fragmentos, que sugere a dispersão da realidade urbana. E o eu, que se afirma a cada passagem (eu vou, eu tomo uma Coca-Cola, eu quero seguir), reorganiza os fragmentos da cidade em função de suas sensações, de seus sentidos, no consolo da canção e nos vãos desejos de consumo. (...) Diante do panorama controlador das esquerdas, *Alegria, Alegria* era também um protesto na medida em que se rebelava contra a dominação da tendência nacionalista, que se pretendia hegemônica o campo da MPB. Além do elemento invasor como rock, a Coca-

Cola era considerada símbolo do imperialismo ianque. E o sujeito que caminha em Alegria, alegria não parece preocupar-se com isso.”³²

Mesmo criticando o sistema, os tropicalistas eram muitas vezes alvos de contestação, seja pelo uso de guitarras elétricas, ou pela internacionalização da música. Foram acusados de omissão ante o avanço da ditadura, bem como a Bossa Nova ou a Jovem Guarda, de violar a pureza da música brasileira, provocando um debate entre os jovens sobre o que é música de contestação.

“Embora o governo militar não notasse explícita crítica social nos tropicalistas, a projeção do grupo e barulho provocado em torno dele não eram bem vistos. A prisão de Caetano e Gil, em dezembro de 1968, como umas das decorrências di AI-5, e o exílio para Londres, em 1969, contribuíram para acabar com o movimento(..)

Por outro lado, os partidários da canção de protesto, com suas mensagens politizantes, pretendiam que a música não apenas se prestasse à distração, mas se tornasse arma contra o estado de opressão em que o país se encontrava. Contra tal música se abateu com maior força a censura, pouco sensibilizada com divergências estéticas como as que nutriam os debates culturais sobre canções “nacionalistas” *versus* “exotismo estrangeiro.”³³

O tropicalismo pode ser entendido “como uma desarticulação das ideologias que, nas diversas áreas artísticas, visava interpretar a realidade nacional”³⁴

ROCK NOS ANOS 80

Em meados dos anos 80 ocorre uma verdadeira “explosão” do rock brasileiro nesse período apresentou-se ousado, contestador, multifacetado e geograficamente disperso. Para compreendermos esse fato, devemos nos remeter ao contexto histórico, atentando aos acontecimentos políticos e sociais.

No início dos anos 80, temos o período de transição do regime autoritário ao regime “democrático”. Essa passagem deu-se nos moldes ditatoriais, verificando-se de maneira restrita, lenta e conservadora. Com o fim da censura músicas proibidas foram regravadas e outras mais contestadoras puderam vir à tona. Na medida em que a MPB não conseguia se livrar de seus antigos recursos – linguagem difícil, complexas metáforas, primado do subentendido – o rock se revelou uma música que falava a língua

³² Idem ;P.69

³³ Idem ;P.71

³⁴ FAVORETO apud NAPOLITANO, Marcos.*História e música, História cultural da música popular*. Belo horizonte: Autêntica, 2002; p.69

da geração urbana da “abertura política” juntamente com suas necessidades. Ocorreu um surgimento surpreendente de novas bandas de rock, tais como: *Legião Urbana*, *Paralamas do Sucesso*, *RPM*, *Titãs*, *Barão Vermelho*, *Biquíni Cavadão*, *Engenheiros do Hawaii*, *Nenhum de Nós*, *Lobão*, *Blitz*, *Inimigos do Rei*, entre várias outras.

Os anos 80 foram marcados por extrema insatisfação, esperanças e frustrações. Foi a chamada “década perdida”, pois o Brasil passou por uma profunda e terrível recessão econômica, além das consequências que as heranças deixadas pela ditadura militar provocaram: concentração de renda, corrupção, dívida externa e miséria. Cada acontecimento vinha carregado de promessas e, em seguida, de frustrações: Diretas-Já, morte de Tancredo Neves, Plano Cruzado, etc. A juventude, assim como o país, estava em crise. E o rock veio para preencher esse “vazio”.

“Expressando um fenômeno classe média, o rock nacional que já vinha estourando encontrou no Plano Cruzado a ponte que precisava para alcançar o povão. Tal plano, ao aquecer a economia, abriu as portas da sociedade de consumo a cerca de vinte milhões de brasileiros que sobreviveriam com um salário mínimo ou menos, na constatação do jornalista Arthur Dapieve. Essa gente também saiu comprando discos, a ponto de Os Paralamas venderem trezentos mil discos e o Legião Urbana oitocentos mil. O RPM contabilizou mais de dois milhões de consumidores em sua estréia. Em parte o plano contribuiu tornar o rock uma música realmente popular.”³⁵

“A agora velha guarda dos anos 70- representada por Erasmo Carlos, pelo irrequieto Raul Seixas e a “ovelha negra” Rita Lee, que lotava os estádios por onde passava-continuava dando seu recado e influenciando grupos”³⁶

RAULSEIXAS E PAULO COELHO

A parceria entre Raul Seixas e Paulo Coelho começa através de uma notícia lançada por Paulo Coelho sobre discos voadores, Raul também interessava pelo assunto e procurou Paulo pra maiores informações, Paulo não botou muita fé sobre os conhecimentos de Raul, foi quando o mesmo voltou para sala com um grande livro preto, um grande acervo sobre o assunto, o que despertou o interesse de Paulo. Começa por tanto uma grande amizade entre os dois, Paulo era escritor de uma revista chamada

³⁵ CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003 ;p.152

³⁶ Idem p.152

2001, Raul era produtor da CBS, Raul Seixas então vai fazer o convite para compor canções pois estava pensando em lançar um disco solo.

Paulo recusou de primeira o convite, achava que tinha muito gabarito e seria contra seus princípios fazer canções principalmente de rock, depois de muita insistência Paulo aceitou e viu que podia ser um grande negócio.

A parceria começou então quando Paulo começou a escrever suas primeiras letras, mais quando mostrou para Raul viu que tinha muito a apreender, para incentivar o amigo Raul compôs *Caroço de manga* para a novela da *Globo*, *Beto Rockfeller*. E colocou o nome dos dois, tinha então formado a grande parceria.³⁷

Raul tinha conseguido o que queria : o amigo já era capaz de imprimir suas referências em textos que cabiam em músicas.às vezes,para facilitar, Raul entregava uma canção para Paulo escrita num ba-ba-ba-di, bi-bo-bi-du.. para o letrista criar em cima. Era só mais um exercícios até o parceiro ficar por dentro do processo. A maior parte das músicas ,os dois faziam juntos, já que não se desgrudavam mais.³⁸

A parceria entre Raul e Paulo foi muito intensa. Há, então, um grande debate sobre qual é o verdadeiro compositor das canções,uma vez que, como afirmado acima, a maioria das músicas foram compostas conjuntamente. Foi uma parceria. Tanto Raul apreendeu com o modo diferente de vida de Paulo, também um grande literato e escritor, quanto este apreendeu com aquele, como podemos observar no trecho do próprio Paulo Coelho:“Eu aprendi a escrever fazendo música. Raul me guiava muito assim: Se você pode dizer alguma coisa de uma maneira poética e simples, não quer dizer que você tem que ser superficial.”³⁹

³⁷MARMO, Hérica. *A canção do mago*: a trajetória musical de Paulo Coelho, São Paulo: Futuro Comunicação, 2007. p.19-27

³⁸ Idem. p.27

³⁹ Idem. p.23

CAPÍTULO I

RAUL SEIXAS LIBERDADE E MEDO NUMA CRÍTICA AO PERÍODO MILITAR NO BRASIL

1.1 – UM NOVO MODO DE CRITICAR: O DEBOCHE AOS MILITARES

Raul Seixas utilizou como principal veículo a música para realizar sua crítica ao período militar. “Raul Seixas nasceu em Salvador em 1945, e tinha como intuito ser escritor, mas com o advento dos filmes de rock no cinema, a música se tornou uma de suas paixões, e teve sua primeira banda Rauzito e seus Panteras”(ABONIZIO,1999 [não paginado]), Raul Seixas vira a lançar seu primeiro disco solo em 1973, o *Krig-há, Bandolo*, que simboliza o grito do Tarzam para avisar que os inimigos estão chegando. “(...) começa assim um jogo dialético com os militares, que são para ele o verdadeiro obstáculo. No tom debochado que se torna sua característica marcante, Seixas provoca e dá o aviso.”⁴⁰, em *Mosca na Sopa*⁴¹:

Eu sou a mosca que pousou na sua sopa
Eu sou a mosca que pinto pra lhe abuse
Eu sou a mosca que perturba o seu sono
Eu sou a mosca no seu quarto a zumbizar
E não adianta “vim” me detetizar
Pois nem o D.D.T. pode assim me exterminar
Porque você mata um e vem outro em meu lugar
Atenção eu sou a mosca [...]

⁴⁰DEVIDES, Dílson. *30 Anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007;p.28

⁴¹SEIXAS, Raul. Mosca na sopa .In:*krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP, lado A, faixa 1.

Nesta composição podemos considerar como a apresentação de Raul Seixas, em sua fase solo, mistura o ritmo do candomblé e a capoeira com o rock, combinação marcante em suas músicas.

Mosca na Sopa é uma ofensa direta à censura, em que ele se coloca como um novo perturbador da ordem, aquela mosca que não vai se calar; o DDT pode muito bem ser substituído por DOPS; ele ainda avisa que podem matar quantos quiserem, pois sempre virá outro que possui idéias contra o regime. Outro fator interessante é uma passagem da música em que ele dialoga diretamente com os militares:

[...] Atenção, eu sou a mosca
A grande mosca
A mosca que perturba o seu sono
Eu sou a mosca no seu quarto
A zum-zum-zumbizar
Observando e abusando
Olha do outro lado agora
Eu tô sempre junto de você
Água mole em pedra dura
Tanto bate até que fura
Quem, quem é?
A mosca, meu irmão!

Nesta estrofe, o seu tom de voz baixo, representa o zumbido da mosca, que ameaça os militares, utilizando-se de um ditado popular, para intensificar que a ditadura de tanta luta uma hora cai, desejo este que marca passagem também na música “dentadura postiça”. Ao analisarmos, a palavra dentadura se assemelha bastante com a palavra ditadura e postiço “adjetivo de por e tirar”, apresenta a idéia possível de modificação.

Raul Seixas no seu tom debochado, vai aproveitar para atacar a falta de educação, e o número de taxas e a inflação, e porque não brincar um pouco com a história do Brasil. Na canção *Se não fosse o Cabral*⁴², ele irá criticar o porquê da culpa do nosso subdesenvolvimento ser jogado na colonização. Nesta música Raul vai estar mais desbocado ainda, além de reclamar, manda os militares se danarem.

⁴² SEIXAS, Raul. Se não fosse o Cabral In: *Carimbador maluco*. São Paulo: 1983. 1LP faixa 7

Tudo aqui me falta
A taxa é muito alta
Dane-se quem não gostar...

Miséria é supérfluo
O resto é que tá certo
Assovia que é prá disfarçar...

Falta de cultura
Ninguém chega à sua altura
Oh Deus!
Não fosse o Cabral[...]

Continuando o assunto sobre a história do Brasil, o autor nos alerta, que em termos de falta de cultura o Brasil está no topo da ignorância, e ainda refere que o povo brasileiro é um povo sem história, pois sua história é a das derrotas populares, que isso não é culpa da colonização, e sim culpa de um país que nunca investiu na cultura e na educação, e termina a composição de forma maravilhosa, incentivando a população a não aceitar essa estrutura ridícula que lhes foi imposta:

[...] E dá-lhe ignorância
Em toda circunstância
Não tenho de que me orgulhar
Nós não temos história
É uma vida sem vitórias
Eu duvido que isso vai mudar...

Falta de cultura
Prá cuspir na estrutura
Falta de cultura
Prá cuspir na estrutura
Falta de cultura
Prá cuspir na estrutura
E que culpa tem Cabral?

Mas Raul não debochou apenas dos militares. No disco “Eu nasci a dez mil anos”, a música mais marcante foi *Eu também vou reclamar*⁴³, que retrata um latino americano revoltado se queixando da vida, na qual não vê graça em nada, e ainda zomba do que chamamos de disco de protesto:

Mas é que se agora
Pra fazer sucesso
Pra vender disco
De protesto
Todo mundo tem
Que reclamar[...]

E aproveita para se queichar, e mostrar sua lamentação cutucando os militares, com relação as fraudes do INSS, à aposentadoria por invalidez, que foram muito constantes através de laudos médicos falsos, causando grande rombo na previdência, pela qual o governo quer que a população de hoje pague pelo erro do passado:

[..] Compro móveis estofados
Me aposento com saúde
Pela assistência social[...]

Ele ainda utiliza esse desabafo, para fazer uma crítica a falta de assuntos políticos e mostrando-nos, que a realidade continua a mesma, as ciências explicam tudo, mas as perguntas sem respostas sempre são as mesmas, e termina referindo-se ao dicionário da censura que carregava um monte de palavras que não podiam ser ditas em canções:

[...] E as perguntas continuam
Sempre as mesmas
Quem eu sou?
Da onde venho?
E aonde vou, dá?

⁴³ SEIXAS, Raul e COELHO Paulo, *Eu também vou reclamar* In: *Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. faixa 6

E todo mundo explica tudo
Como a luz acende
Como um avião pode voar
Ao meu lado um dicionário
Cheio de palavras
Que eu sei que nunca vou usar

Outra música de deboche, mas que por sua vez foi censurada para rádio, show e televisão, foi *Mamãe eu não Queria*⁴⁴ lançada em 1984. Uma música que parece um lamento para não se alistar ao exército, mas na verdade é em primeiro lugar um sarro a militares de baixa patente, e uma crítica também a tudo que se é imposto.

Larga dessa cantoria menino
Música não vai levar você lugar nenhum
Peraí mamãe, güenta aí

Mamãe, eu não queria
Mamãe, eu não queria
Mamãe, eu não queria
Servir o exército

Não quero bater continência (Trá-lá-lá-lá)
Nem pra sargento, cabo ou capitão (Trá-lá-lá-lá)
Nem quero ser sentinela, mamãe
Que nem cachorro vigiando o portão
Não! [...]

As vozes femininas na música ressaltam o barulho da metralhadora (trá- lá- lá- lá), e ainda é importante lembrar que estávamos sobre o governo dos militares. Falar mau do exército é um ato de loucura, mesmo neste período já marcado pela redemocratização, pois sabemos que foi o exército que comandou o golpe de 64, e se manteve através de uma ditadura no governo até 1985. No próximo trecho, Raul se refere à ausência de arma de fogo, sua arma era a guitarra na mão, e suas letras. Justifica sua ausência na luta armada pela sua condição de filho de soldado e mãe religiosa, e solta um grito negativo de consolo.

⁴⁴ SEIXAS, Raul. Mamãe eu não queria In: *Metrô Linha 743*. São Paulo: Som Livre. 1984, I LP, Lado B, faixa 1

[...] Desculpe, Vossa Excelência
A falta de um pistolão
É que meu velho é soldado
E minha mãe pertence ao Exército de Salvação
Não! [...]

A música tem uma mudança rítmica, começa a tocar uma marchinha de carnaval, com barulhos de chicote no fundo e Raul ainda dedica o trecho às crianças:

[...] Marcha soldado, cabeça de papel
Se não marchar direito vai preso pro quartel [...]

O autor ainda reafirma que se o governo militar, e servir o exército fossem algo bom não seria imposição e todo mundo iria de bom grado se alistar e o governo poderia ter eleições diretas para presidente não precisaria da força pra se manter no governo.

[...] Sei que é uma bela carreira
Mas não tenho a menor vocação
Se fosse tão bom assim mainha
Não seria imposição
Não! [...]

E para terminar, o autor ainda nos deixa claro o motivo de não querer entrar no exército, mas também pode estar se referindo à luta armada. O autor seria morto pelos militares tanto no exército como nesta. No trecho a seguir a voz do discurso é de sua mãe.

[...] Você sabe muito bem que é obrigatório
E além do mais você tem que cumprir com seu
dever com orgulho e dedicação
Mamãe eu morreria
Pela causa meu filho, pela causa [...]

E termina a letra com uma frase bem ofensiva e de grande grau de deboche para com os militares e diz:

[...] O exército é o único emprego pra quem não
tem nenhuma vocação, mulé

I.II – UM NOVO MODO DE CRITICAR: O DEBOCHE AOS MILITARES

Raul Seixas se apresentou como um grande artista em permanente luta pela liberdade de expressão. No seu segundo disco, “Gitá”, podemos notar uma postura mais escancarada, que acabou em seu exílio em 1974, depois do lançamento do álbum, que possuía músicas como *S.O.S*⁴⁵, que mais parece um grito de socorro:

Hoje é domingo missa e praia céu de anil
Tem sangue no jornal, bandeiras na avenida Zil
Lá por detrás da triste linda Zona Sul
Vai tudo muito bem, formigas que trafegam sem porquê

E das janelas desses quartos de pensão
Eu como vetor, tranqüilo tento uma transmutação
Ô, ô, ô seu moço do disco voador
Me leve com você, prá onde você for

Ô, ô, ô seu moço mas não me deixe aqui
Enquanto eu sei que tem tanta estrela por aí.[...]

Notamos clara uma crítica ao comportamento social, que resume seu domingo na missa e praia, e nada de pensamento político; pessoas que trafegam sem pensar, e vai tudo muito bem; Também se remete a lembrar das bandeiras em todo o Brasil, marcando a presença do militarismo nas ruas, mostrando a censura, o sangue no jornal representa os cortes feitos no mesmo, para controlar a imprensa e manipular as informações, o que causa grande descontentamento no autor, que remete um grito de socorro, pedindo que o levem pra qualquer lugar porque ao contrario da maioria, para Raul não existe lugar pior neste momento do que este contexto brasileiro.

⁴⁵ SEIXAS, Raul SOS In: *Gitá*. Made in Brasil: Philips, 1974. 1CD, faixa 9.

[...] Andei rezando para tótems e Jesus
Jamais olhei pro céu, meu disco voador além
Já fui macaco em domingos glaciais,
Atlantas colossais, que eu não soube como utilizar

E nas mensagens que nos chegam sem parar
Ninguém, ninguém pode notar Estão muito ocupados prá pensar.

A insatisfação continua. Neste trecho verificamos que há uma aversão a existência de um reino superior lá em cima.

O autor reconhece que não soube aproveitar algumas ocasiões para criticar o sistema, seja nos festivais ou na televisão, mas nos alerta a existência de várias contestações em suas músicas, que ninguém pode notar pois estão muito ocupados para pensar.

Com certeza a música mais forte do disco acabou se tornando o seu hino, e seu símbolo. *Sociedade Alternativa*⁴⁶ foi sem dúvida a causa de seu exílio.

“Essas atitudes e esses pensamentos em 1974 são como um pedido de punição, e tal música não passou ilesa. Sua execução, que insuflava o público, rendeu a Seixas uma visita dos militares à sua residência em busca de indícios da dita sociedade. O compositor foi para os Estados Unidos para alcarar os ânimos de seus admiradores, dos censores e dele mesmo.”⁴⁷

Esta canção se tornou a sua marca registrada. Prega um ideal totalmente libertário, um socialismo utópico, no qual todo homem tem o direito de fazer o que quiser, desprezando todas as leis. Não vou aqui fazer uma análise sobre a sociedade alternativa, uma vez que esta tem origem na lei *thelema* de Aleister Crowley, o que mudaria totalmente o foco do trabalho.

Utilizarei a letra para mostrar quanto ele foi maluco ao cantar esta música em pleno regime militar, algo totalmente libertário, mostrando para o povo que sua vontade não pode ser determinada por leis, o que causava imenso desgosto nos militares, defensores de um regime ditador, que foram colocados para destruir e banir do país

⁴⁶ SEIXAS, Raul e COELHO, Paulo, *Sociedade alternativa Gita*. Made in Brasil: Philips, 1974. 1CD, faixa 7

⁴⁷ DEVIDES, Dílson. *30 Anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007 ;p.33

qualquer ideal socialista, mesmo o utópico, muito menos ameaçador do que os ideais comunistas.

Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva O Novo Aeon!)
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
(Viva! Viva! Viva!)...

Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá!
Faz o que tu queres
Pois é tudo
Da Lei! Da Lei!
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa...

"-O número 666
Chama-se Aleister Crowley"
Viva! Viva!
Viva! A Sociedade Alternativa
"-Faz o que tu queres
Há de ser tudo da lei"
Viva! Viva!
Viva! A Sociedade Alternativa
"-A Lei de Thelema"
Viva! Viva!
Viva A Sociedade Alternativa
"-A Lei do forte
Essa é a nossa lei
E a alegria do mundo.

Reparamos que insensatamente ele faz repetições de viva a sociedade alternativa, embora não seja uma letra rebuscada. Isto marca uma idéia a ser martelada na cabeça da população, uma idéia de liberdade, um grito de viva a um ideal socialista que por muitos é confundido erroneamente como Anarquismo.

*Novo Aeon*⁴⁸ que será o nome do seu próximo disco, em que ele explicará o significado do termo que ressalta mais uma vez seu ideal de liberdade:

[...] Sociedade alternativa
Sociedade novo aeon
É um sapato em cada pé
É direito de ser ateu
Ou de ter fé
Ter prato entupido de comida
Que você mais gosta
É ser carregado, ou carregar
Gente nas costas
Direito de ter riso e de prazer
E até direito de deixar
Jesus sofrer[...]

Neste album aparece com mais força, uma crítica ao cristianismo seja pela música “*Rock do Diabo*”, ou até pela forma mais clara, que ele irá demonstrar sua insatisfação perante as histórias bíblicas.

[...]Ao som da flauta
Da mãe serpente
No para-inferno
De Adão na gente
Dança o bebê
Uma dança bem diferente[...]

Esta canção “*Novo Aeon*”, ainda ressalta a existência da censura, nos meios de imprensa; e nos alerta dos crimes cometidos às escuras pelos militares

⁴⁸ SEIXAS, Raul. Novo Aeon In :*Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP Lado B faixa7

O sol da noite agora está nascendo
Alguma coisa está acontecendo
Não dá no rádio nem está
Nas bancas de jornais[...]

Lógicamente como foi visto, ele utilizava de exemplos, para nos alertar que não ocorria tudo bem como se pensava: o milagre econômico já estava em decadência, o desemprego que começava a assombrar a população:

[...]Em cada dia ou qualquer lugar
Um larga a fábrica, outro sai do lar
E até as mulheres, ditas escravas,
Já não querem servir mais[...]

Ainda nesta música o autor vai fazer referência à existência de cemitérios clandestinos e questionar o fato da perda dos direitos civis, e das punições de quem tinha ideais contra o sistema, apropriando-se da metáfora como figura de linguagem para burlar a censura.

[...]O vento voa e varre as velhas ruas
Capim silvestre racha as pedras nuas
Encobre asfaltos que guardavam
Histórias terríveis
Já não há mais culpado
nem inocente
Cada pessoa ou coisa é diferente
Já que assim, baseado em que
Você pune quem não é você?[...]

I.III- UM FANTASMA ASOMBRA A INTELLECTUALIDADE: MORTES E TORTURA, O CHEIRO DO MEDO SE ESPALHA NO AR

Começa uma longa caminhada, para alertar a população da existência dos assassinatos cometidos por militares. Lembramo-nos que em 1973, estávamos no fim do governo Médici onde houve o maior número de assassinatos.

Em 1973, numa faixa do disco *Krig-há, Bandolo*, Raul alerta a todos os compositores e músicos brasileiros, *Al Capone*⁴⁹

Ei! Al Capone
Vê se te emenda
Já sabem do teu furo, nego
No imposto de renda
Ei! Al Capone
Vê se te orienta
Assim desta maneira, nego
Chicago não aguenta.[..]

Fazendo um paralelo com os Estados Unidos, utilizando-se da figura de Al Capone -- um dos homens mais procurados da história, que abasteceu o mercado norte americano com o álcool na lei seca --, para burlar a censura.

Utilizara também como exemplo o herói do cangaço, para mostrar que quando os militares disseram “Brasil, ame ou deixe-o” em alguns casos poderia ser interpretado como “Brasil, deixe-o ou morra”. E também utilizara grandes cantores norte americanos, para representar o perigo na arte musical, e como fundamento principal o exemplo de Jesus, dizendo que é melhor fugir do que morrer por uma causa, uma crítica a igreja católica, idéia presente em outras letras.

[...]Ei! Julio Cesar
Vê se não vai ao senado
Já sabem do teu plano
Para controlar o Estado
Ei! Lampião
Dá no pé, desapareça

⁴⁹SEIXAS, Raul e Coelho, Paulo, Alcapone IN: *krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP, Lado B, faixa 1

Pois eles vão à feira
Exibir tua cabeça[...]

[...] Ei! Jimi Hendrix
Abandona o palco agora
Faça como fez Sinatra
Compre um carro e vá embora
Ei! Jesus Cristo
O melhor que você faz
Deixar o Pai de lado
E foge prá morrer em paz.[...]

No período militar, algo constante para os intelectuais anti-sistema, era a presença do medo constante, é neste contexto que Raul vai fazer a composição de *Para Nóia*⁵⁰ em 1974, que parece uma história cômica, de uma criança que tem medo do desconhecido, no caso Deus. Mas ao analisar as entre linhas verificamos a presença deste medo dos intelectuais, a paranóia vingente neste período, principalmente na passagem que ele se refere ao medo do documento, que escrito por ele pode ser muito perigoso, e no final onde ele dedica a canção para Nóia, que estando a palavra separada denota um sentido diferente, como se fosse um chega de loucura.

Quando esqueço a hora de dormir
E de repente chega o amanhecer
Sinto a culpa que eu não sei de que
Pergunto o que eu fiz?
Meu coração não diz e eu...
Eu sinto medo!(2x)

Se eu vejo um papel qualquer no chão
Tremo, corro e apanho pra esconder
Medo de ter sido uma anotação que eu fiz
Que não se possa ler
E eu gosto de escrever, mas...
Mas eu sinto medo!

⁵⁰ SEIXAS, Raul Para Nóia In :*Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP Lado B faixa2

Eu sinto medo!

Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro banheiro
Medo de saber que não estava ali sozinho porque sempre...
Sempre... sempre...
Eu estava com Deus!(3x)
Eu tava sempre com Deus!

Minha mãe me disse há tempo atrás
Onde você for Deus vai atrás
Deus vê sempre tudo que cê faz
Mas eu não via Deus
Achava assombração, mas...
Mas eu sinto medo!
Eu sinto medo!

Vacilava sempre a ficar nu lá no chuveiro, com vergonha
Com vergonha de saber que tinha alguém ali comigo
Vendo fazer tudo que se faz dentro dum banheiro(2x)

Para...nóia
Dedico esta canção:
Para Nóia!
Com amor e com medo (com amor e com medo).

Em 1975 já temos uma mudança histórica, o presidente Geisel, que não pôde mais contar com o milagre econômico, que já havia sido desbancado, surge então uma esperança de um regime, menos autoritário, com mais liberdades, que é um erro terrível para esquerda, que agora começa a conviver com o desaparecimento político, e uma falsa passagem para a democratização

Em 1977, ainda haviam militantes sendo torturados na sede DOI-Codi. Dezesete estudantes foram a julgamento, três foram condenados. Mas como a lei de anistia já havia sido promulgada, as condenações acabaram anuladas.

Esse processo mostrou que se vivia uma fase de transição política, mas também era certo que as torturas contra presos políticos continuava, que a democratização era apenas uma farça.

É por isso que em 1978 no disco *Mata Virgem*, Raul irá lançar uma música chamada *Conserve seu Medo*⁵¹, em que ele dirá :

Conserve seu medo
Mantenha ele aceso
Se você não teme
Se você não ama
Vai acabar cedo
Esteja atento
Ao rumo da História
Mantenha em segredo
Mas mantenha viva
Sua paranóia[...]

Raul Seixas alerta a todos que tomem cuidado, pois a revogação do AI-5 não significava o fim do pesadelo. A ditadura ainda estava presente, ainda cometia crimes.

[...]Conserve seu medo
Mas sempre ficando
Sem medo de nada
Porque dessa vida
De qualquer maneira
Não se leva nada
E ande pra frente
Olhando pro lado
Se entregue a quem ama
Na rua ou na cama
Mas tenha cuidado
Ah, ah
Muito cuidado.

⁵¹ SEIXAS, Raul; *Conserve seu Medo* In: *Mata Virgem*. Made in Brasil: WEA. 1978. 1LP faixa 5

Mas ao mesmo tempo o autor refere-se ao medo como algo necessário, mas sem nunca deixa-lo dominar, pois é importante andar para frente e manter a luta por algo melhor, entregando-se ao amor pela sua causa, sempre com muito cuidado.

Em 1984 antes mesmo de se terminar o regime militar, é lançado o disco “Metrô linha 743”, que tem duas importantíssimas músicas para este trabalho: a censurada “Mamãe eu não Queria”, e a primeira *Metrô Linha 74*”⁵². Nesta, com seu ritmo que lembra-nos um faroeste, uma musicalidade que carrega um tom de suspense que serve de fundo para a narrativa da musica, que é importantissima para o tema da morte, pois de tantas canções neste periodo acredito que nenhuma deixou tão evidente esta questão dos assassinatos cometidos pelos militares, tratados na musica por ele como canibais de cabeça. Dai segue a narração.

Ele ia andando pela rua meio apressado
Ele sabia que estava sendo vigiado
Cheguei para ele e disse: "Ei, amigo pode me ceder um cigarro?"
Ele disse: "Dou, mas vá fumar lá do outro lado
Dois homens fumando juntos pode ser muito arriscado" [...]

Neste trecho o narrador começa a contar os fatos ocorridos no determinado dia da sua morte; começa a nos falar sobre um outro personagem não identificado, mas que já de começo parece muito suspeito, o narrador então aproxima deste personagem e lhe pede um cigarro, que mais parece então um código pra iniciar o diálogo, o homem ainda o alerta do perigo pois parecia ser vigiado,e segue o diálogo;

[...] Disse: "O prato mais caro do melhor banquete
É o que se come cabeça de gente que pensa
Os canibais de cabeça descobrem aqueles que pensam
Porque quem pensa, pensa melhor parado
Desculpe minha pressa fingindo atrasado, trabalho em cartório
Mas sou escritor, perdi minha pena nem sei qual foi o mês
Metrô linha 743!!! [...]

⁵² SEIXAS, Raul. Metro linha 743 In; *Metrô Linha 743*. São Paulo: Som Livre. 1984. 1LP Lado A faixa 1

O então homem não identificado, parece começar a falar aquilo que o narrador procura, e diz a ele que os canibais de cabeça, os militares, pegam suas vítimas quando elas ficam paradas, e justamente esses que são os procurados, os pensadores. Portanto, rapidamente o homem já dá o recado, e se desculpa pela pressa, que é logicamente necessária, pois este não pode ficar parado, afinal é um escritor que finge trabalhar em um cartório, que perdeu sua liberdade de escrever, e nem se lembra mais quando foi.

[...] O homem apressado me deixou e saiu voando
Aí, me encostei num poste e fiquei fumando
Três outros chegaram com pistola na mão, um gritou:
"Mão na cabeça, malandro, se não quiser levar chumbo quente nos
Cornos"
Eu disse: "claro, pois não, mas o que é que eu fiz?
Se é documento eu tenho aqui "
Outro disse: "Não interessa e pouco importa, fica aí!
Eu quero é saber o que você estava pensando"[...]

O narrador comenta o fato do homem apressado sair voando, que pode ser interpretado de duas formas: com muita rapidez ou; até que este homem tenha se desaparecido, sumido sem deixar nenhum paradeiro. Eis que chegam portanto homens também não identificados, mas está quase claro que pertençam ao DOPS ou o DOI-CODI, e lhe aborda procurando não por drogas ou armas, mas sim , o seu pensamento, saber se planeja ou pensa algo contra o sistema. Continua a narrativa com a fala do suposto policial:

[...] E eu me avalio o preço me baseando
No nível mental que você anda por aí usando
E aí eu lhe digo o preço que sua cabeça está agora custando
Minha cabeça caída, solta no chão
Vi meu corpo sem ela pela primeira e última vez
Metro linha 743!!![...]

Nesta passagem verificamos, que o primeiro personagem, o homem não identificado, estava correto, o prato mais caro é aquele que pensava mais, e ainda deixa claro que o importante é saber o que se pensa, questionando a liberdade do pensar, neste trecho o autor deixa claro o momento de sua morte, temos a partir de então uma narrativa póstuma, pois neste momento o narrador foi assassinado pelos militares.

[...] Jogaram minha cabeça oca no lixo da cozinha
E eu era agora um cérebro um cérebro vivo á vinagrete
Meu cérebro logo pensou: "Que seja, mas nunca fui tiete"[...]

O narrador ainda deixa claro, que sua morte foi uma morte corporal, pois seu cérebro se mantém vivo, idéia esta presente nas obras de Raul, que diz na música *Senhora dona Persona*⁵³ "os homens partem as musicas ficam". O pensamento, portanto, ainda se manifesta, parte esta que é o interesse dos militares, o pensamento então se interroga o porquê disso tudo, e reafirma que nunca foi tiete, que nunca bateu palmas nem continência pro sistema .

[..]Fui posto á mesa com mais dois
Eram três pratos raros e foi o *maitre* que pôs
Senti horror ao ser comido com desejo por um senhor alinhado
Meu último pedaço antes de ser engolido pensou grilado:
" Quem será esse desgraçado dono dessa zorra toda" [..]⁵⁴

O autor ainda questiona quem será o responsável por tudo isso, e reafirma através da metáfora do canibalismo que o cérebro é a parte mais importante, e que não era só ele. Havia outros cérebros pensantes, sendo engolidos por um senhor alinhado, no caso o chefe de todo o esquema, não identificado.

[..]Já está tudo armado, o jogo dos caçadores canibais
Mas o negócio é que está muito bandeira!!!
Tá bandeira demais, meus Deus!!!

⁵³ SEIXAS, Raul. *Senhora dona Persona* In: *A Pedra do Gênesis*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1988. 1LP faixa 9

⁵⁴ SEIXAS, Raul. *Metro linha 743* In; *Metrô Linha 743*. São Paulo: Som Livre. 1984. 1LP Lado A faixa 1

Cuidado "brother", cuidado sábio senhor
Eu aconselho sério pra vocês
"Eu morri, nem sei mesmo qual foi aquele mês
Metrô linha 743!!!

O narrador ainda avisa que o jogo já está todo armado, que os militares organizaram todo o esquema de mortes, assassinatos e ainda avisa mais uma vez para obterem cuidado, pois tem muita bandeira, tem bandeira demais, se refere a exaltação da bandeira nacional, características de regimes ditatoriais, a ditadura ta aí e ela comete crimes e assassinatos, e termina dizendo que ele mesmo foi uma vítima dos militares, confirmando sua narração póstuma no final da narrativa.

Esta composição pela riqueza de suas metáforas, torna-se uma das grandes canções para lembramos do período militar, e lutar para que este fato não se repita na sociedade brasileira.

LIV- CHEGOU OS ANOS 80 E NADA MUDOU

Em 1979, assume a presidência Figueredo, com o principal argumento de abertura política, iniciada pelo seu antecessor, começa então um novo período político no Brasil e cultural, vem aí os *Anos 80*⁵⁵:

[...]Hey! Anos 80!
Charrete que perdeu o condutor
Eu disse: Hey! Anos 80!
Que esperança
Sonho de um sonhador!...

Junto com os anos oitenta veio também o sonho da abertura política, a anistia de aos presos políticos, e o tão esperado fim da censura, mas este último ficou apenas nos sonhos dos sonhadores.

Sobre este período então notamos que as músicas de Raul Seixas, vão ser mais escancaradas, mas ainda mantém no seu caráter irônico sua principal marca. A respeito

⁵⁵SEIXAS, Raul. Anos 80 In: *Abre-te Sésamo*. São Paulo: CBS. 1980. 1LP faixa 3

da abertura política, Raul lança o álbum *Abre-te Sésamo*⁵⁶: uma homenagem ao episódio histórico:

Lá vou eu denovo
Um tanto assustado
Com Ali-Babá
E os quarenta ladrões
Já não querem nada
Com a pátria amada
E cada dia mais
Enchendo os meus botões[...]

Esta passagem mostra um certo espanto, a essas notícias de abertura política, mas com certeza aproveita, para provocar os militares, chamando-os de ladrões, e ainda afirma que eles já conseguiram o que queriam, sugaram tudo, e já não querem mais nada com a pátria dita amada.

Contudo, é importante ressaltar que Raul não acreditava neste papo de abertura e de liberdade. Para ele era apenas mais uma das facetas dos militares:

[...]E vamos nós de novo
Vamo na gangorra
No meio da zorra desse
Desse vai-e-vem
É tudo mentira
Quem vai nessa pira
Atrás do tesouro
De Ali-bem-bem...[...]

Todavia, não podemos esquecer que esta canção, uma homenagem à tão sonhada abertura política, traz passagens em que ele menciona desagrado com algumas questões sociais, como a desnutrição da população,

[...]Lá vou eu de novo
Brasileiro, brasileiro nato

⁵⁶ SEIXAS, Raul. *Abre-te Sésamo* In; *Abre-te Sésamo*. São Paulo: CBS. 1980. 1LP faixa 1

Se eu não morro eu mato
Essa desnutrição
Minha teimosia
Braba de guerreiro
É que me faz o primeiro
Dessa procissão[...]

Ele ressalta, sim, o desejo da abertura ao se referir para que parem com esse negócio, abre de cá e fecha daqui: abre-te de uma vez:

[..]Fecha a porta! Abre a porta!
Abre-te Sésamo
Fecha a Porta! Abre a porta!
Eu disse:
Abre-te Sésamo...[...]

Neste período existe ainda um embate entre os militares. Alguns se recusam a abandonar as torturas e o caráter repressivo; a defesa, então, passa a ser de responsabilidade das polícias federal, estadual e civil. Porém, Figueredo não abriu mão da coerção política, aplicando-a quando sentisse qualquer ameaça ao governo.

Também podemos notar este problema em outra música do mesmo álbum, *Conversa para boi dormir*⁵⁷, ressaltado pelo nome da canção. Raul trata o governo como ditador e torturador, como que se brincasse com a vida alheia, e mais uma vez alerta do perigo da tortura, tratando o governo na figura da cobra, símbolo do exército brasileiro:

[...]Falou que Deus não quis dá asa à cobra
Seria um bicho ameaçador
Mas tem uma peste delas avoando
Que o diabo fez enquanto Deus marcou

O tempo passa, eu tô ficando velho
Andam brincando com a vida da gente

⁵⁷ SEIXAS, Raul. *Conversa para boi dormir* In; *Abre-te Sésamo*. São Paulo: CBS. 1980. ILP faixa 5

Direito eu tenho mas anda escondido
Chicotinho queimado, tá ficando quente[..]

CAPÍTULO II

TEDDY BOY, ROCK E BRILHANTINA: UM BAHIANO DIFERENTE

II-I A TRANSFORMAÇÃO DO ANJO DO INFERNO

No período da ditadura militar, alguns temas eram proibidos de serem cantados ou debatidos. A ética, a postura e os bons costumes, marcas principais do militarismo, iriam se tornar alvo de perseguições constantes. Para um movimento jovem, o exemplo era a Jovem Guarda ou o Tropicalismo. O que ninguém contava é que um baiano chamado de Raulzito iria misturar alguns ritmos e criar estilo próprio: uma canção com letras políticas e críticas que inspiravam o uso de drogas, o sexo como prazer, e o rock como música, modificando o comportamento e o cenário musical, trazendo algo novo como podemos ver na música de Sérgio Sampaio em homenagem a Raul Seixas. *Raulzito Seixas*⁵⁸

Meu nome é Raulzito Seixas
Eu vim da Bahia
Vim modificar isso aqui
Toco samba
E rock, morena
Balada e baioque

Raul Seixas começa sua carreira com a banda Raulzito e seus panteras, muda-se para o Rio de Janeiro e trabalha na gravadora CBS, onde produziu Jerry Adriane, Renato e seus Blue Caps, e quase foi demitido por lançar um disco sem autorização da gravadora. O álbum elenca músicas como *Dr. Paxeco*,⁵⁹ de letra forte e grande crítica à figura do político, fazendo insinuações à tortura pelo barulho de chicotes e gemidos sensuais – aparece, então, a sexualidade nas músicas de Raul Seixas.

Lá vai nosso herói Dr. Paxeco

⁵⁸ SAMPAIO, Sérgio LP, *Eu quero botar meu bloco na rua*. fx8

⁵⁹ SEIXAS, Raul. *Sociedade da Grã ordem Kavernista apresenta Sessão das dez*. São Paulo: CBS. 1969. 1LP faixa 2

Com sua careca inconfundível
A gravata e o paletó
Misturando-se às pessoas da vida
Lá vai Dr. Paxeco
O herói dos dias úteis
Misturando-se às pessoas que o fizeram[...]

Este trecho é dito de forma macabra, por uma voz muito grossa de conto de terror, terminando com uma gargalha irônica. A partir daí, começa sua letra com uma caracterização do político: careca, gravata e paletó, tratando este ser como não-humano. O herói que não trabalha, que foi fabricado por estes seres normais que trabalham para sobreviver, através da história e do voto.

[...]Formado, reformado, engomado
Num sorriso fabricado
Pela escola da ilusão
Tem jeito de perfeito
No defeito
Sem ter feito com proveito
Aproveita a ocasião[...]

Na passagem da música notamos que ele ataca diretamente o lado fingido do político, ao dizer do seu sorriso fabricado por uma escola da ilusão. Neste momento, mostra este homem como um ser iludido que passa a ter nos olhos um cifrão, a mentira como veículo de comunicação, aproveitando para roubar sem mesmo conhecer aqueles que o fizeram, sem nenhuma sabedoria para ser digno de ser chamado de doutor.

[...]Dr. Paxeco, vai doutorar
Dr. Paxeco, foi almoçar
Do Do Do Do Do Doutor
Paxeco
Perdido, dividido, dirigido
Carcomido e iludido
Tem nos olhos o cifrão
Disfarça na fumaça
e acha graça

Sem saber que a rua passa
Entre a massa e o caminhão[...]

O disco *Sociedade da Grã Ordem Kavernista*, foi uma parceria com Sérgio Sampaio, Miriam Batucada e Edy. O LP lançado à revelia não ficou muito tempo nas lojas e foi retirado do mercado pela gravadora. Em 1972, Raul Seixas estava com planos de gravar um disco e emplacar na sua carreira musical.

No segundo semestre do mesmo ano, Raul resolve produzir seu primeiro disco solo, contando com a parceria de Paulo Coelho, seu amigo de longa data. A partir daquele momento se tem outro Raul Seixas, de roupa de couro, óculos escuros, roupa preta, cabelo e barba compridos, certeza de repercussão pela ousadia. Assim, entramos direto no tema deste capítulo. Vamos deixar que ele mesmo se apresente, através da letra exposta na contra capa do seu primeiro disco solo. A música *Rockixe*⁶⁰

Vê se entende, olha o meu sapato novo
Minha calça colorida o meu novo way of life
Estou tão lindo porém bem mais perigoso
Aprendi a ficar quieto e começar tudo de novo
O que eu quero, eu vou conseguir
O que eu quero, eu vou conseguir
Pois quando eu quero todos querem
Quando eu quero todo mundo pede mais
E pede bis[...]

A sua vestimenta já aparece como um choque para a época. O seu novo *way of life*, que quer dizer modo de vida, mostra que ele vem de certa maneira mais apresentável, porém bem mais ambicioso. Seu silêncio fez com que amadurecesse e a nova parceria com Paulo Coelho, tornou-o um pesadelo para os militares e os censores, deixando bem claro que ele pretendia destruir o governo militar.

Eu tinha medo do seu medo
do que eu faço
Medo de cair no laço

⁶⁰ SEIXAS, Raul e Coelho, Paulo, *Rockixe*, IN: *krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP, Lado B, faixa 3

que você me preparou
Eu tinha medo de ter que dormir mais cedo
numa cama que eu não gosto só porque você mandou[...]

O medo aparece novamente nas composições de Raul , brincando com a transposição do medo dos militares de um avanço comunista, como se esse sentimento repassa-se para a sociedade através da tortura e das mortes. A angústia de criticar nessa época gerava todo um desconforto para quem o fazia, era como se houvesse várias armadilhas, armadas pelos generais para prender esses, que eram acusados de subversão.

[...]Você é forte mais eu sou muito mais lindo
O meu cinto cintilante, a minha bota, o meu boné
Não tenho pressa, tenho muita paciência
Na esquina da falência
que eu te pego pelo pé

Olha o meu charme, minha túnica, meu terno
Eu sou o anjo do inferno que chegou pra lhe buscar
Eu vim de longe, vim de uma metamorfose
Numa nuvem de poeira que pintou pra lhe pegar[...]

Nesta passagem Raul volta a retratar sua nova forma de vestimenta. O cinto cintilante, a bota e o boné, estilo de roupa pouco popularizado no período, dão, ao mesmo tempo, um caráter de marginalidade; elegância, referida pela sua túnica e seu terno e; malignidade, ao dizer ser um anjo do inferno que veio de uma metamorfose assombrar os militares. A presença de um tom demoníaco surge com frequência no rock de Raul. Mas a passagem mais importante do trecho é quando ele ressalta que aguarda paciente pela falência do sistema econômico, ponto fraco de qualquer governo, para derrubar a ditadura.

Você é forte, faz o que deseja e quer
Mas se assusta com o que eu faço, isso eu já posso ver
E foi com isso justamente que eu vi
Maravilhoso, eu aprendi que eu sou mais forte que você
O que eu quero, eu vou conseguir [...]

A força dos militares também é ressaltada na música, principalmente pelo seu caráter manipulador e de autoridade. O Governo não é adorado. Se fosse, não temeria e não precisaria da censura para controlar a população. Raul deixa bem claro que a censura não pega todas as músicas e percebeu que com um jeitinho de burlá-la tornava-se mais forte que os militares, e termina ressaltando conseguir a derrubada destes.

Nada melhor para ressaltar a característica do Raul como roqueiro do inferno é a música *Rock do Diabo*, na qual Raul iria chocar boa parte da sociedade brasileira. O baiano com seu estilo, parte para uma crítica mais aberta ao sistema militar utilizando-se da figura do Diabo, uma entidade não muito admirada pela população.

O Diabo na verdade aparece como a manifestação do mal: se existe Deus, o ser todo poderoso, guardião do reino do céu, em contrapartida existe o Demônio guardião do reino do inferno, uma figura totalmente abominável, que causa muito medo, principalmente nos religiosos que consideram a evocação deste nome como uma blasfêmia. Em 1975, pleno regime militar, o refrão da música sem dúvida irá causar grande estranheza na população, e coincidentemente, pelo fato de dizer que o Diabo é o pai do Rock, esta imagem passa a ser compartilhada com Raul Seixas, pois para muitos jovens e adultos é considerado como o pai do Rock no Brasil.

A presença de um tom demoníaco nas canções gera na população grande repercussão. Começam a dizer que o cantor tem pacto com demônio. Mas esta característica de chocar a população com letras sinistras será muito utilizada pelo Raul principalmente fazendo várias críticas ao cristianismo. Mas em *Rock do Diabo* ⁶¹o que chama a atenção é a quantidade de repetições com que essa palavra aparece, e principalmente a entonação da voz com que grita ao pronunciar o nome Diabo.

A música não apenas causa espanto, mas também se torna algo novo pra população que mal percebeu que na verdade Raul e Paulo Coelho burlaram a censura mais uma vez e escreveram mais uma canção crítica ao militarismo como podemos perceber na interpretação da letra.

Me dê um porco vivo
Para eu encher minha pança
Três quilos de alcatra

⁶¹ SEIXAS, Raul e COELHO Paulo; *Rock do Diabo* In :*Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP Lado A faixa2

Com muqueca de esperança[..]

O porco vivo e os três quilos de alcatra mais parecem uma zoeira ou até uma brincadeira, a muqueca de esperança pode ser o que sobra do churrasco dos militares. Pelo fato do disco ter sido lançado em 1975 a esperança pode ser vista na saída do Médici da presidência, referindo-se então, que neste entra e sai, o que sobra é a muqueca, a esperança do fim deste regime militar. A quantidade de comida mostra o desejo pelo fim do regime, o que pode ser um trocadilho.

[...]Diabo, o diabo usa capote
É rock é um toque é forte
Diabo foi ele mesmo que
Me deu um toque
Enquanto Freud explica as coisas
O diabo fica dando os toques[..]

A palavra Diabo está se referindo aqui no texto a outra pessoa, não àquele chefe do inferno. Percebemos isso, pois ele traz a palavra em letra minúscula mostrando que não está se referindo a um nome próprio, mas utilizando-o como a expressão maléfica. Quando Raul diz que o diabo usa capote ele refere-se diretamente aos militares, como observamos pelo significado da palavra no dicionário AURÉLIO. “capote: capa comprida e ampla, com cabecão ou capuz : casaco comprido usado pelos militares...”

O toque citado por Raul Seixas pode ser interpretado como o toque de aviso dado pelos generais àquelas pessoas consideradas como subversivas - lembrando que um ano antes os compositores tiveram que prestar contas sobre uma determinada sociedade alternativa. Raul ainda brinca com o toque considerado como doença mental, algo comum na ditadura principalmente naqueles que conseguiam escapar dos porões militares, e tira até um sarro na psicologia quando o assunto é “Freud explica tudo”. Enquanto muitos estudam, o Diabo está solto fazendo aquilo que bem entende. Mas claro este toque também pode ser considerado como um pacto com o demônio. Provavelmente, fizeram a letra com a intenção não só de chocar a população, mas também para se livrar dos censores.

[..]Existe dois diabos só que um

parou na pista um deles é do toque
O outro é aquele do exorcista diabo[..]

A existência de dois diabos, deixa claro a sua pretensão de diferenciá-los. Quando Raul se refere que um deles parou na pista, percebe-se claramente que trata-se do general Médici, o demônio real de carne e osso, que havia deixado a presidência da república; o outro é aquele do *O Exorcista*, filme de grande audiência, que assim como a música chocou bastante. Mas esse diabo é o da ficção do cinema que não existe, criado na ilusão da cada um.

[..]Mamãe disse a Zequinha,
nunca pule aquele muro
Zequinha respondeu
Mamãe aqui tá mais escuro[..]

Este trecho da canção mostra perfeitamente, mesmo que não seja de forma clara, o contexto dos golpes militares e mais o descontentamento total de Raul quando o assunto é ditadura e totalitarismo. Na passagem em que a mãe de Zequinha pede pra ele nunca pular o muro, trata do muro de Berlim, mostrando um anseio de uma mãe para que seu filho não pule para o lado dos capitalistas, e o que mais nos chama a atenção é a resposta do Zequinha dizendo: mamãe aqui *tá* mais escuro! Imediatamente, na canção Raul solta o grito mais intenso de sua carreira, mostrando que o Diabo está do lado dos totalitários soviéticos, o mal está no não cumprimento da liberdade, mostrando a criança tentando alertar sua mãe de que ela não esteja tão certa assim.

[..]O diabo fica dando toques
O diabo é o pai do rock
O diabo é o pai do rock
Então é every body rock
O diabo é o pai do rock
Enquanto Freud explica as coisas[...]

A frase seguinte marca Raul Seixas para sempre no imaginário nacional. A figura do pai do rock passou a ser associada à figura do próprio compositor.

II-II CONTRA A TURMA DA ESQUINA E QUALQUER FORMA DE PADRONIZAÇÃO

Raul Seixas por sua vez não gostava desta padronização como roqueiro, mas Raul também não abria mão do seu Rock. Tentar falar de Raul sem falar de Rock é impossível, até ele mesmo deixava bem claro que não abria mão do seu rock antigo. Como podemos observar na música *Let me sing*⁶².

[..]Let me sing, let me sing
Let me sing my rock'n roll
Let me sing, let me swing
Let me sing my blues and go, say

Não vim aqui tratar dos seus problemas
O seu Messias ainda não chegou
Eu vim rever a moça de Ipanema
E vim dizer que o sonho
O sonho terminou[..]

A canção retrata muito bem a paixão de Raul pelo Rock, mais ao dizer que não veio tratar dos problemas sociais, pois o Messias ainda não chegou, mostra seu descontentamento com a juventude que esperou por um milagre que não veio, e a solução é rever as coisas belas, pra dizer que o sonho terminou, que os militares já estavam muito forte e a juventude já tinha perdido o interesse político.

[..]Tenho 48 quilos certo?
48 quilos de baião
Não vou cantar como a cigarra canta
Mas desse meu canto eu não lhe abro mão

Não vou cantar como a cigarra canta
Mas desse meu canto eu não lhe abro mão[..]

⁶² SEIXAS, Raul. Let me sing; In *let mi sing my rock'n roll*. 1985. 1LP faixa 6

A mistura de gêneros musicais torna o enredo da música mais importante, o refrão em estilo do Rock clássico antigo, e as passagens da estrofe no ritmo do baião tradicional de Luiz Gonzaga, mostra o ecletismo de Raul Seixas, como podemos perceber também em suas entrevistas.

“Dentro da música brasileira, eu não me coloco em lugar nenhum. Eu sou o Raul Seixas. Minha música é o carnaval, é rock, cha-cha-cha, não importa. Meu ritmo é o do planeta Terra. É o ritmo da raça humana. O único em eu poderia viver. O ritmo em que meu coração bate. O ritmo de levantar a cabeça.”⁶³

Os 48 quilos de baião em uma voz rouca, que nada assemelha ao belo canto da cigarra, mas sim ao som perturbador do Rock que Raul não abre mão para atormentar os militares.

[..]Não quero ser o dono da verdade
Pois a verdade não tem dono, não
Se o "V" de verde é o verde da verdade
Dois e dois são cinco, não é mais quatro não

Se o "V" de verde é o verde da verdade
Dois e dois são cinco, não é mais quatro não[..⁶⁴

Mas uma vez percebe-se a ironia na letra. O autor brinca ao dizer que não quer ser o dono da verdade, e afirma não existir a verdade, ela não tem dono. O V de verde refere-se aos militares, então se eles estão com a verdade, tudo é mentira, uma crítica ao que eles falavam e o que provavam, ressaltando mais uma vez o caráter de manipulação do sistema. Ele encerra a música no trecho abaixo fazendo uma ironia ao dizer que não precisa provar nada, só veio curtir o seu rockzinho antigo, característica importante, e zomba ao dizer que não tem perigo de assustar ninguém.

[..]Não vim aqui querendo provar nada
Não tenho nada pra dizer também
Só vim curtir meu rockzinho antigo
Que não tem perigo de assustar ninguém.

⁶³ Os ANDARILHOS solitários veja 1975n. 268, p.82-83

⁶⁴ SEIXAS, Raul. Let me sing; In *let mi sing my rock'n roll*. 1985. 1LP faixa 6

Mostra também um descontentamento quando o assunto é a padronização, seja musical, seja das vestimentas; a moda hippie, ou então velho estilo jovem guarda, tornando-se contrário a essa apropriação dos jovens, pela indústria cultural.

“Raul Seixas reforça a idéia de não participar de nenhum movimento musical/cultural específico, debochando da banalização do *rock* (*olho vivo na vitrine da moda...coca-cola e bugigangas que é pop*), o que nos remete aos produtos fabricados com as marcas Calhambeque e Tremendão por exemplo, ligadas, respectivamente a Roberto Carlos e Erasmo Carlos.”⁶⁵

Este descontentamento é a chave para entendermos a sua filosofia egoísta, e o porquê de Raul Seixas estar sempre se colocando fora das padronizações de moda. E a luta insistente em se dizer diferente de qualquer grupo musical brasileiro, como pode ser vista na música *Teddy Boy, Rock e brilhantina*⁶⁶.

[...]Eu quero avacalhar com toda turma da esquina
Com meu cabelo cheio de brilhantina
Dançando rock ao som de Elvis'n roll[...]

O desejo em avacalhar com toda a turma da esquina, refere-se a marcante luta de Raul Seixas em não se enquadrar no mesmo grupo dos tropicálistas. Raul era um baiano diferente, mais ousado e usa como principal diferença a vestimenta. Como não fazia parte de nenhuma moda, a brilhantina no cabelo é o diferencial, e no campo musical apoiando-se no Rock antigo de Elvis.

[...]Eu vivo num clima brabo, cheio de violência
E você faz sinal de paz e clemência
E ainda me diz que é um bicho muito "underground"
E ainda me diz que é um bicho muito "underground"[...]

A rejeição de Raul pela moda hippie aparece fortemente no trecho acima, tratando os jovens como não reconhecedores de sua política vigente; fazendo crítica a

⁶⁵ ABONIZIO, JULIANA. *O Protesto dos Inconseqüentes*: Raul Seixas e micropolítica. Assis, 1999. 474 f. dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Disponível em <<http://groups.msn.com/RaulRockClub?julianaabonizio.msnw>> Acesso em: 02.06. 2008, não paginado

⁶⁶ SEIXAS, Raul. *Teddy boy rock e brilhantina*; In *let mi sing my rock'n roll*. 1985. 1LP faixa 11

um estereótipo rebelde vendido pelo sistema; e ironizando o simbolismo do “paz e amor”, em uma sociedade cheia de violência, marcada por um regime opressor.

Eu vivo de olho vivo na vitrine da moda
Vendo o robô padronizado, é soda!
Com coca-cola e bugigangas que é pop
Com coca-cola e bugigangas que é pop
Let's do it!

A vitrine da moda neste momento representa a influência da indústria cultural, que padroniza os homens, tornando-os robôs consumidores daquilo que mandam. Alerta aos pseudo-rebeldes que acreditam em uma forma de criticarem algo, mas são apenas fantoches do fetichismo da mercadoria, a nova técnica capitalista, que adentrava o campo cultural, adaptando a moda hippie, a coca-cola e as bugigangas que são “pop”, popular, algo já massificado.

Hei, bicho! Onde é que vai com essa flor no cabelo?
Com esse sorriso de paz e desespero?
Olhe pro lado e você vai entender
Entender?

Mas agora todo imbecil passa por gênio ou poeta
Em cada esquina há um pseudo-profeta
Com guarda-chuva e um pirulito na mão
Com guarda-chuva e um pirulito na mão
Let's rock, man!

Nesta canção o principal alvo de Raul Seixas é o sistema que se apodera das culturas, para comercializar e acabar com os movimentos padronizando-os, e retirando deles o seu caráter de contestação, vendendo outra idéia. O exemplo que Raul trabalha nessa canção é o hippie, tirando um sarro pela flor no cabelo, um sorriso de paz, mas cheio de medo, e incapaz de enxergar o outro ao seu lado, e perceber sua padronização. Observa que agora todos são metidos a intelectuais, poetas ou profetas, mas todos estão andando da mesma forma, foram robotizados com um guarda-chuva e um pirulito na mão. Temos que deixar claro que Raul já apoiou o movimento hippie antes de se tornar popular.

[..]Eu não quero mudar o mundo com esse papo furado
Só acredito em quem pulou o cercado
Quatro bulldogs vigiando o portão
Quatro bulldogs vigiando o meu portão[..]

Mas uma vez o autor nos deixa claro que não tem intenção nenhuma de mudar o mundo e nem acredita nisto. Acredita somente em quem está fora do sistema, e encerra ressaltando a violência através da necessidade dos cachorros vigiarem os portões, principalmente o da sua casa. Neste momento os *bulldogs* podem ser os militares que acompanham os seus passos.

O sistema se apropria de quase toda cultura de manifestação, agindo e transformando músicas e vestimentas em algo consumível, de possível alienação, retirando o seu caráter de contestação, como podemos notar em várias composições de Raul Seixas, em que o mesmo se queixa constantemente das apropriações realizadas pela sociedade. Como podemos notar claramente na música *A Verdade Sobre a Nostalgia*.⁶⁷

Tudo quanto é velho eles botam pr'eu ouvir
E tanta coisa nova jogam fora sem curtir
Eu não nego que a poesia dos 50 é bonita
Mas todo o sentimento dos 70 onde é que fica?

A nostalgia se refere à quantidade de músicas antigas sendo tocadas nas rádios da década de 70, principalmente a Bossa Nova, que contém muitas poesias maravilhosas, mais um ritmo bem diferente daquele proposto por Raul Seixas inspirado no Rock, mais agitado e mais dançante, que acabava por refletir em uma música mais jovem e atual, reforçando a idéia da necessidade sempre de mudança, para não acabar caindo no gosto do sistema.

Eu vou fazer o que eu gosto...
Dos 50 bonita-ta

⁶⁷ SEIXAS, Raul e COELHO Paulo; A verdade sobre a Nostalgia: In :*Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP Lado B faixa 1

Mas os 70 onde é que ele está?
Por isso a nostalgia eu tô curtindo sem querer
Porque está faltando alguma coisa acontecer[..]

A década de 70 na música pode ser interpretada por Raul como uma década, que apoderava sempre dos conceitos de música revolucionários da década de 50, e não produzindo algo novo caindo em nostalgia, idolatrando o passado. O autor ainda reclama da falta de opção ao ser obrigado a escutar aquelas músicas triste, lembrando a existência da censura nos rádios, que levaram os mesmos a optarem pela Jovem Guarda e a Bossa Nova, ambos com pouco conteúdo político e contra o sistema.

[...]Mamãe já ouviu Beatles
Papai já deslumbrou
Com meu cabelo grande
Eu fiquei contra o que eu já sou

Eu vou fazer o que eu gosto
É mãe com os Beatles e o pai falô
Logo então eu fiquei contra o que eu já sou
O rock hoje em dia já mudou, é outra coisa
É por isso que eu corto o meu cabelo[...]

A apoderação pelo sistema das músicas que antes chocavam a sociedade pode ser percebida claramente neste trecho da canção em que os mais velhos começam a usar gírias e vestimentas jovens. É mamãe ouvindo Beatles, o pai dizendo falô. É neste momento que o rock se torna popular para Raul Seixas, perdendo a sua essência contestadora, por isso ele se torna contra o que ele é: um roqueiro. Mudou-se e virou padronização ter cabelo grande, então ele corta o dele, mostrando mais uma vez a sua fuga de qualquer rotulação e modismo, e sua vontade de ser sempre diferente.

[...]Na curva do futuro muito carro capotou
Talvez por causa disso é que a estrada ali parou
Porém, atrás da curva

Perigosa eu sei que existe
Alguma coisa nova
Mais vibrante e menos triste

Eu vou fazer o que eu gosto
Atrás da curva do perigo existe
Alguma coisa bem mais nova e menos triste

A curva do futuro em se tratando de Raul pode ter vários sentidos. Neste contexto parece que a curva é a que leva ao fim as músicas de protesto, ao dizer que muito carro capotou na curva do perigo, por isso é que a estrada ali parou. Pode muito bem referir-se ao medo dos assassinatos cometidos pelos militares que forjavam acidentes - no ano seguinte, Juscelino sofre um acidente fatal que o leva a morte -. Pode ser por isso que a curva é perigosa, mas o autor se torna otimista pela mudança que pode ocorrer a qualquer momento.

Raul também apresentava a solução para o assunto das músicas executadas pelas rádios que levavam a uma nostalgia. A música é *Se O Rádio não Tocar*.⁶⁸

Se o rádio não toca
A música que você quer ouvir;
Não procure dançar
Ao som daquela antiga valsa,
Não! Não! Não! Não!
Não! Não! Não! Não!
Não! Não! Não! Não!

É muito simples,
É muito simples.
É só mudar a estação,
É só girar o botão
É só girar o botão,

A letra faz menção, justamente, à proibição de algumas músicas de serem veiculadas nas rádios. Porém, ele apresenta a solução: as rádios independentes ou

⁶⁸ SEIXAS, Raul. Se o rádio não toca In: *Se o rádio não toca*. Made in Brasil: Philips, 1994. ILP faixa 2

piratas, e ainda aproveita para tirar um sarro na Bossa Nova, chamando-a de valsa. Como sempre, aproveita ainda, para brincar com o duplo sentido, quando o autor diz girar o botão. Na canção, ele diz “botão”, um palavrão, para quebrar um pouco com a moral também. Ele canta que se você não está gostando da rádio ou do sistema é só girar o botão, não apenas ficar parado com a bunda na cadeira. Raul Seixas ainda extrapola os limites, por ser esta uma versão ao vivo. Ele ainda dá um recado, mostrando o verdadeiro intuito da música.

Previsão do tempo da Sociedade Alternativa
Rádio alternativa
O tempo instável
Sujeito a chuvas e tempestades
Pode nevar, pode pegar fogo
Instável

Após este trecho há uma grande salva de palmas da platéia, mostrando que a música foi bem entendida pelo povo, que parece ter dado um sinal de aprovação à previsão do tempo da rádio da sociedade alternativa. Logicamente, esta versão só pode ser veiculada após o término total da ditadura, em disco lançado após sua morte.

A música de Raul Seixas teve sem dúvida grande sucesso. Dificilmente conseguiríamos enquadrá-la em alguma estética musical. O rock aparece em grande quantidade, mas o seu ecletismo está sempre presente como no baião. Uma das canções que teve grandes discussões é *As aventuras de Raul na cidade de Thor*⁶⁹, que é a mistura do repente com o rock e o baião, necessária para uma explicação sobre essa tentativa de enquadramento em uma linha evolutiva da música popular brasileira.

Tá rebocado meu compadre
Como os donos do mundo piraram
Eles já são carrascos e vítimas
Do próprio mecanismo que criaram

⁶⁹ SEIXAS, Raul e COELHO Paulo; *As aventuras de Raul na cidade de Thor*: In :*Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP Lado B faixa1

Os donos mundos podem se referir aos ditadores, sejam eles soviéticos comunistas ou estadunidenses capitalistas. O mundo criava em seus opositores os carrascos e vítimas dos sistemas que eles mesmo criaram de uma guerra fria, que levou a ditaduras por toda parte do mundo, acabando com a tão sonhada liberdade.

O monstro SIST é retado
E tá doido pra transar comigo
E sempre que você dorme de touca
Ele fatura em cima do inimigo

Raul Seixas agora traz a figura do monstro SIST, que é o monstro do sistema capitalista, o capital, o dinheiro, a indústria cultural ao dizer que estava prestes a ser englobado e vendido ao sucesso. Brinca, ao dizer de seu modo sarcástico que o monstro quer transar com ele, dar prazer a ele, e alerta que a qualquer descuido você está consumido pelo mercado, perdendo sua ideologia, mostrando o sistema como implacável na apropriação dos valores, vendendo seus ideais, faturando dinheiro nas costas dos inimigos. É o sistema gerando dinheiro em cima de quem é contra o sistema.

A arapuca está armada
E não adianta de fora protestar
Quando se quer entrar
Num buraco de rato
De rato você tem que transar

A crítica aos militares agora fica bem aguda. A arapuca é a armadilha feita pelos generais para pegar aqueles intelectuais que são contra a ditadura. Raul avisa àqueles exilados, pois de fora do país não adianta de nada protestar, e propõe que se quiserem acabar com o regime, têm que jogar de acordo com as regras dos militares, saber burlar a censura e lutar contra o regime. É possível infiltrar no meio deles, sempre dizendo isso de uma forma metafórica, usando a transa dos ratos como frase de duplo sentido, para burlar a censura e exemplificar que é possível contestar o regime mesmo estando dentro do país.

[..]Buliram muito com o planeta
E o planeta como um cachorro eu vejo

Se ele já não aguenta mais as pulgas
Se livra delas num sacolejo

Hoje a gente já nem sabe
De que lado estão certos cabeludos
Tipo estereotipado
Se é da direita ou dá traseira
Não se sabe lá mais de que lado [...]

No momento tem-se uma brincadeira com as manifestações da natureza, como o terremoto. Mas o autor apresenta estes movimentos a brincar que a Terra, assim como o cachorro, quando está insatisfeita, se sacode causando terremotos, vulcões, furacões e tudo por responsabilidade do homem que destrói a natureza. Ainda refere-se ao tema do machismo que será abordado de forma mais ampla no próximo capítulo. Aqui critica até o esteriótipo cabeludo, que ninguém sabe mais qual é a intenção, e brinca com a quantidade de homossexuais existentes nos movimentos de esquerda.

[...]Eu que sou vivo pra cachorro
No que eu estou longe eu tô perto
Se eu não estiver com Deus, meu filho
Eu estou sempre aqui com o olho aberto.

A civilização se tornou complicada
Que ficou tão frágil como um computador
Que se uma criança descobrir
O calcanhar de Aquiles
Com um só palito pára o motor.[...]

No discurso, Raul mostra a necessidade de estar sempre vivo, e atento ao que acontece no país e no mundo. Diz que o seu desejo de acabar com a ditadura, está longe e perto ao mesmo tempo de se realizar. Notamos também, uma crença de consolo ao filho, que se morrer, estará com Deus. Porém, nesta mesma canção, o autor questionará a existência dele. Raul reafirma ainda, que enquanto estiver vivo, estará sempre de olho aberto. Um exemplo disso, é o fato de em grande parte de suas exibições na televisão,

Raul venda os olhos com os dedos abertos, simulando enxergar mesmo com a venda em seus olhos.

Raul mostra também a fragilidade do sistema, em que as crianças podem mudar o mundo. Mas para isso, seria necessário a educação, para a descoberta do ponto fraco do sistema.

[...]Tem gente que passa a vida inteira
Travando a inútil luta com os galhos
Sem saber que é lá no tronco
Que está o coringa do baralho

Quando eu compus fiz Ouro de Tolo
Uns imbecis me chamaram de profeta do apocalipse
Mas eles só vão entender o que eu falei
No esperado dia do eclipse[...]

O autor aponta a necessidade de identificar o seu verdadeiro oponente, para não traçar uma luta fantasiosa, contra algo supérfluo, sem valor real. Alerta que o oponente pode estar bem na sua cara e não pode ser visto. O ser humano complica o que as vezes é simples de ser entendido. Raul ironiza os imbecis que não compreenderam Ouro de Tolo como uma canção que destruía com os valores políticos, morais, econômicos e fantasiosos do sistema. Por isso o nome da canção, refere-se ao ouro de tolo, sem valor real, zutando aqueles que quiseram complicar e não entenderam o que era simples de ser entendido, o cotidiano de um homem que subiu na vida mais não se cegou por causa disso.

[...]Acredite que eu não tenho nada a ver
Com a linha evolutiva da Música Popular Brasileira
A única linha que eu conheça
É a linha de empinar uma bandeira[...]

Este trecho da canção é exatamente o mais importante para entendimento do capítulo. Trazer toda a letra é importante para não dissociarmos nunca a sua musicalidade com a crítica ao militarismo. Raul dizia que sua arma era a guitarra na mão, foi um músico diferente de todos. Sua principal preocupação era o regime vigente,

e fazia questão a todo momento de dizer que não era cantor, e nem compositor era na verdade um ator, que conseguia fazer com que as pessoas acreditassem que era cantor. O trecho da música revela que Raul Seixas não se colocava na linha evolutiva da música popular brasileira, não gostava de forma alguma deste título, o que pode ser comprovado em depoimentos do próprio Raul Seixas.

“O negócio da música popular brasileira eu acho que está bem claro. Eu não pertenço a grupo nenhum. Eu não pertenço ao grupo bahiano, nunca pertenci, acho que sou estrangeiro a ele. Nem queria pertencer. São uns caras esquisitos demais(risos). Esquistos mesmo. Eles não me querem; eu não os quero. Eu sou eu mesmo, o do raulseixismo, faço uma linha mais individualista.”⁷⁰

Raul Seixas então vai se colocar como fora de qualquer grupo musical, ele irá ressaltar o tempo todo seu ecletismo. Ele é samba, rock, não tem nada a ver com os tropicalistas. Ele é um bahiano diferente, ele não faz parte da turma da esquina. Como citado anteriormente, ele se dizia quebrador de todas as formas, modas, padrões, ele se dizia se vestir como único, era travesso arrojado, não compunha músicas complexas, mas trabalhava com ritmos como ninguém. Querer padronizar Raul Seixas, é lutar contra tudo o que ele fez, e resistir ao seu ideal de que é possível fugir do modismo da padronização. Se quiser criar um estilo para a música de Raul Seixas, que seja o que ele mesmo definiu de raulseixismo.

“O aspecto central do raulseixismo é que ele se configura uma ideologia única, exclusiva e egoísta. Não que seja autônoma em relação à outras ideologias ou filosofias, pois o raulseixismo é quase uma releitura e colagem de teorias e autores variados; é exclusiva no sentido da proposta de seu conceitor em não ter seguidores e julgar necessário que cada qual siga sua própria cabeça. Daí o batismo da teoria como raulseixismo. A despeito dos raulseixistas atuais, o então teórico propunha que cada qual criasse a sua concepção de forma a não poder traí-la, pois é única, mutável e seu único seguidor é o próprio criador. O raulseixismo fundamenta-se na liberdade, na busca, na conquista e na utopia em torno da liberdade. A ênfase varia entre a liberdade coletiva e o individual, com predomínio desta.”⁷¹

O raulseixismo então é um estilo próprio denominado por ele mesmo como único, se existirem outros que criem o seu estilo por o raulseixismo e próprio e já tem

⁷⁰ Não pertenço a nenhum grupo(entrevista concedida ao jornalista Walteeson Sardenbeng á revista amiga, em 1982) In PASSOS , Silvio *Raul seixas por ele mesmo*. Martin Claret ,2003

⁷¹ ABONIZIO, JULIANA. *O Protesto dos Inconseqüentes: Raul Seixas e micropolítica*. Assis,1999.474 f.dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Disponível em <<http://groups.msn.com?RaulRockClub?julianaabonizio.msnw>> Acesso em:02.06. 2008 não paginado

dono.

[..]Eu já passei por todas as religiões
Filosofias, políticas e lutas
Aos 11 anos de idade eu já desconfiava
Da verdade absoluta

Raul Seixas e Raulzito
Sempre foram o mesmo homem
Mas pra aprender o jogo dos ratos
Transou com Deus e com o lobisomem[..]⁷²

Raul Seixas então se mostra neste momento uma pessoa experiente, que além de muitos estudos religiosos, participou de muitas lutas e brinca ao dizer que com 11 anos de idade, já não acreditava em Deus, que para muitos é uma verdade absoluta. Para encerrar, Raul diz que sempre foi o mesmo, mas para fazer sucesso teve que "transar", se vender para muitas gravadoras como CBS, Philips, Warner, e tantas outras; teve que dançar conforme o mercado, utilizando duas metáforas: Deus, a verdade absoluta como representação humana, e o lobisomem figura do imaginário popular brasileiro.

⁷² SEIXAS, Raul e COELHO, Paulo, As aventuras de Raul na Cidade de Thor In: *Gita*. Made in Brasil: Philips, 1974. 1CD, faixa 7

CAPÍTULO III

SEXO, DROGAS E ROCK'N ROLL

Para começar este capítulo que aborda as novas formas de contestação jovem da década de 70, é necessário trabalhar com uma das principais letras do Raul Seixas e Paulo Coelho, *Cachorro Urubu*⁷³ que traz toda uma reflexão sobre a mudança no comportamento das lutas juvenis, representando a esperança para muitos.

[..]Baby, essa estrada é comprida
Ela não tem saída
É hora de acordar
Pra ver o galo cantar
Pro mundo inteiro escutar[..]

A música começa a revelar a longa luta, a estrada comprida que não tem saída, ou seja, a luta é necessária e contínua. Portanto, é hora de despertar, prestar atenção em tudo a sua volta. Quanto mais cedo despertar para a luta maior será a capacidade de revolta latente na juventude brasileira contra o regime vigente.

[..]Baby a história é a mesma
Aprendi na quaresma
Depois do carnaval
A carne é algo mortal
Com muita de avançar sinal

Todo jornal que eu leio
Me diz que a gente já era
Que já não é mais primavera
Oh baby, oh ba...by
A gente ainda nem começou[..]

A palavra Baby refere-se à juventude como alvo do discurso da canção. A quaresma relaciona-se diretamente ao período de grande ebulição do final dos anos 60,

⁷³SEIXAS, Raul e Coelho, Paulo, *Cachorro Urubu* IN: *krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP, Lado B, faixa 4

em que o governo Médici eliminou grande parte dos focos de guerrilha, gerando um sintoma de pânico e medo na sociedade. Esta caía em quietação como se fosse consequência, de tudo aquilo que não se apresentou como solução, uma ressaca dos movimentos juvenis. Os jornais lançavam o clima de euforia pelo milagre econômico, como se o Brasil tivesse por sua vez consolidado o sistema ditatorial, onde não caberia mais à população a revolta e a manifestação, como se não houvesse mais primavera, que simboliza a esperança.

Começa então o jogo para reavivar os sonhos revolucionários, a estrada comprida, a luta é longa e ressalta mais uma vez o convite aos jovens ao dizer: a gente ainda nem começou, gerando uma esperança na juventude.

[..]Baby o que houve na trança
Vai mudar nossa dança
Sempre a mesma batalha
Por um cigarro de palha
Navio de cruzar deserto[..]

A trança na verdade é França, referindo-se a mudança nos movimentos apoiados no lema sexo , drogas e Rock'n 'roll.

“Raul foi bem claro; o que houve na França mudou as formas de protesto juvenil, expandido-as para a reivindicação de bandeiras que até então não eram levadas em considerações pelas esquerdas tradicionais. O que ficou conhecido sob o lema “sexo, drogas e rock’n roll” estava ligado a uma transformação mais profunda do que sugere a simples menção dessas três palavras. Passou a existir uma cultura jovem global a partir desse período, que trouxe elementos novos para as formas de política alternativas que se formavam, esses foram a herança que as lutas libertárias de 1968 deixaram para a posteridade: a presença da psique individual, do subjetivismo dos sonhos e dos desejos nas lutas coletivas, como se vê pelo slogan utilizado nas manifestações de maio de 1968 em Paris “quando penso em revolução, penso em fazer amor” Istoé uma ousadia diante do moralismo dos mais destacados líderes comunistas do século XX: Lênin atacou a defesa da promiscuidade sexual feita pela militante vienense Rush Fischer. A proposta de revolução dos comunistas burocratas era muito conservadora para os rebeldes e, por isso, eles se encaminharam para uma Nova esquerda que se aproximou das propostas libertárias. Embora boa parte dessas esquerdas alternativas que agitaram Paris ou os EEUU- com New York e San Francisco como eixos da revolta- tivessem um discurso marxista, eles estava muito mais próximos das práticas anarquistas de Bakunin ou Kropotkin.”⁷⁴(tese Luís Alberto, p. 91 e 92)

⁷⁴ BOSCATO, Luiz. *Vivendo a sociedade alternativa*: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem. 2006. Tese. (Doutorado em história)- USP, São Paulo, 2006 P.91-92

[..]Baby isso só vai dar certo
Se você ficar perto
Eu sou índio Sioux
Eu sou cachorro urubu
Em guerra com Zéu[..]⁷⁵

Raul retoma o discurso da necessária presença de todos nos movimentos, pois nada adianta combater à distância, fora do país. É preciso enfrentar a batalha de perto, nada de seguir o lema “*Brasil ame-o ou deixe-o*” e ainda toma a personalidade do índio Sioux. “Eram os índios mais agressivos contra os brancos e tinham cerimônias que incluíam rituais de tortura como prova de bravura, por isso a escolha desta tribo, para mostrar a fortaleza perante a tortura. No Brasil esta tribo ficou famosa pelo filme *Um Homem Chamado Cavalo* (1970), onde o índio tinha a pele atravessada por pinos de madeira presos a cordas, que eram estendidas para erguer o corpo até gerar dilacerações. Os sioux resistiram aos brancos até 1890, mais uma motivo para a escolha a capacidade de luta e resistência característica forte da canção, na luta contra a ditadura”⁷⁶. Além de índio Sioux também é cachorro urubu, o ser que voa e late, sem limites, em guerra contra a ditadura militar.

III- I DROGAS

Raul Seixas foi sem dúvida um dos homens mais loucos que já existiu no cenário do Rock. Sua fama de maluco beleza espalhou, mas Raul Seixas era maluco de verdade: costumava todo dia tomar no café da manhã vodka com suco de laranja, tinha no álcool grande inspiração para compor suas músicas.

Viciado em álcool, Raul desenvolveu várias doenças como a pancreatite e outras que o levaram a morte. O gosto pela bebida fez com que Raul compusesse

⁷⁵ SEIXAS, Raul e Coelho, Paulo, Cachorro Urubu IN: *krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP, Lado B, faixa 4

⁷⁶ Wikipedia, Enciclopédia virtual <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sioux>> acesso em 25/06/2008

canções que mencionavam o uso de drogas, algo totalmente inaceitável para a ditadura militar. Lembrando que em 2008 um regime tido como democrático proibiu a marcha da maconha, que discutiria sobre a legalização da droga.

A primeira canção que Raul vai ressaltar o uso da maconha foi proibida pelos militares. A canção *Como vovó já dizia*⁷⁷ circulava em shows em sua versão original principalmente na abertura política no início da década de 1980.

[..] Está luz ta muito forte tenho medo de cegar
Os meus olhos tão manchados com teus raios de luar
Eu deixei a vela acesa para a bruxa não voltar
Acendi a luz do dia para a noite não chiar [..]

Raul e Paulo começam a letra justificando o uso dos óculos escuros como o medo de uma luz forte que pode cegar, os olhos manchados deixam bem claro que estão vermelhos pelo uso da maconha. A vela acesa pode se referir a uma expressão utilizada para um cigarro de maconha muito grande, uma comparação pelo tamanho, ou então um ritual religioso pedindo aos orixá para afastarem definitivamente a bruxa. Esta pode estar se referindo a um presidente militar, os dois ainda brincam que acenderam a maconha durante o dia, pois levanta menos suspeita, pois neste período os óculos escuros escondem o vermelho dos olhos.

[..] Já bebi daquela água quero agora vomitar
Uma vez a gente aceita, duas tem que reclamar
A serpente está na terra, e o programa está no ar:
Vim de longe de outra terra, pra morder teu calcanhar [..]

A droga agora em questão é a cachaça, a água ardente que faz o cidadão sentir vontade de vomitar uma vez que o mundo começa a girar. Mas também é um recurso muito utilizado para discussões de amigos sobre qualquer tema, que leva ao diálogo, seja ele crítico ou não. Ainda neste trecho aparece a insatisfação com aquelas pessoas que aceitam tudo sem reclamar, e trazendo a serpente como a figura do mal que está na terra e o programa, a figura do mal alienador que está no ar à televisão.

⁷⁷ SEIXAS, Raule COELHO Paulo Como vovó já dizia: In *Se o rádio não toca*. Made in Brasil: Philips, 1994. 1LP faixa 9

[..]Essa noite eu tive um sonho, eu queria me matar
Tudo tá a mesma coisa, cada coisa em seu lugar
Com 2 galos a galinha não tem tempo de chocar
Tanto pé na nossa frente que não sabe como andar!!! [..]

A noite se torna um pesadelo constante para os compositores do período, o medo de ser torturado nos porões da ditadura, levava os autores a terem pesadelos terríveis e até mesmo uma vontade de suicidar pela ameaça dos castigos corporais. E lembra que o tempo passou, mas nada mudou, tudo continua no seu devido lugar como a ditadura queria. O sexo aparece de uma forma não convencional, como se os galos ficassem o tempo todo em cima da galinha, por isso é necessário se ter mais galinhas do que galo. Raul coloca a relação de um mundo onde todos desejam passar a rasteira no próximo, essa falta de coletividade leva a um retrocesso que impede o progresso.

[..]Quem não tem colírio usa óculos escuros
Quem não tem papel dá o recado pelo muro
Quem não tem presente se conforma com o futuro [..]

O refrão ficou famoso por fazer apologia ao uso da maconha, os óculos escuros servem para disfarçar o vermelho dos olhos. Como o papel servia de prova documental para o crime de subversão, o recado tinha que ser dado de forma diferente, pode ser inclusive através de músicas. O conformismo com o futuro leva então a tão sonhada frase, "O Brasil, o país do futuro", levando a todos a se conformarem com o presente, afinal a propaganda política dizia que o bolo iria crescer, depois seria repartido, o que não aconteceu.

A canção foi vetada por vários motivos, gênero de protesto social, e acusada de mensagem direta e subversiva, que induzia ao descontentamento e insatisfação no que tange ao regime vigente e incita uma nova ideologia, contrária aos interesses nacionais.

Depois de várias tentativas, a música acabou sendo veiculada na seguinte letra, que mantém quase o mesmo sentido, mas utilizando muitas metáforas dificultando o entendimento da canção.

[..]Quem não tem colírio usa óculos escuros
Minha vó já me dizia pra eu sair sem me molhar

Mas a chuva é minha amiga e eu não vou me resfriar
Quem não tem colírio usa óculos escuros
A serpente está na terra e o programa está no ar

Quem não tem colírio usa óculos escuros
A formiga só trabalha porque não sabe cantar
Quem não tem colírio usa óculos escuros
Quem não tem filé come pão e osso duro
Quem não tem visão bate a cara contra o muro

Quem não tem colírio usa óculos escuros
Há tanta coisa no menu que eu nem sei o que comer
Quem não tem colírio usa óculos escuros
José Newton já dizia: "Se subiu tem que descer"
Quem não tem colírio usa óculos escuros
Só com a praia bem deserta é que o sol pode nascer
Quem não tem colírio usa óculos escuros
A banana é vitamina que engorda e faz crescer[...]⁷⁸

A música veiculada em álbum tornou-se sem dúvida mais famosa. As alterações não modificaram tanto o sentido na música quando o assunto é apologia a droga. Porém a crítica ao regime militar tornou-se bem mais suave, mas logicamente ainda manteve sua característica crítica, como no verso “se subiu tem que descer”, referindo-se à queda do regime militar. A canção censurada difundiu-se hoje entre os jovens, através de um DJ que regravou a canção na letra original, mesmo que grande parte do público das *raves* nem saiba que a canção é de Raul, e observa muito mais o lado de apologia à maconha.

Outra canção de Raul a fazer apologia à maconha, é *Não quero mais andar na contra mão*⁷⁹, nesta música ele vai lembrar o seu tempo de drogado, e vai representar o lado careta, negando as drogas, na tentativa de parar e mostrando também o lado ruim das drogas. Ao mesmo tempo insinua o uso de vários tipos de drogas, chegando de

⁷⁸ SEIXAS, Raul. Como vovó já dizia; In *let mi sing my rock'n roll*. 1985. 1LP faixa 6

⁷⁹ SEIXAS, Raul. Não quero mais anda na contra mão : In *A Pedra do Gênesis*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1988. 1LP. faixa 6.

vários lugares da América do Sul, como se fosse liberado o contrabando de entorpecentes.

[..]Hoje uma amiga da Colômbia voltou
Riu de mim porque eu não entendi
Do que ela sacou aquele fumo rolou
Dizendo que tão bom eu nunca vi

Eu disse não não não não
Eu já parei de fumar
Cansei de acordar pelo chão
Muito obrigado eu já estou calejado
Não quero mais andar na contra-mão[..]

O uso de maconha é explícito nesta canção, ao contar a história de uma amiga da Colômbia, país onde existe a formação de grupos guerrilheiros de traficantes de maconha. Ela trazia consigo um “fumo rolou”, uma maconha, dizendo que era muito bom o fumo, insistindo para que Raul fumasse junto com ela, quando a resposta foi um não. Ela deu risadas como se zombasse dele, o chamando de careta, pois a resposta foi sem dúvida inesperada por sua amiga. O autor ainda afirma que já havia parado de fumar devido ao cansaço daquela vida maluca de acordar pelo chão chapado. Os calos podem ser tanto dos dedos, de segurar o cigarro de maconha ou calejado de andar na contramão como se as drogas levassem para um caminho para trás impedindo o progresso da vida..

[..]Da Bolívia uma outra amiga chegou
Riu de mim porque eu não entendi
Quis me empurrar um saco daquele pó
Dizendo que tão puro eu nunca vi...

Eu disse não não não não
Eu já parei de 'hunfz
Cansei de acordar pelo chão
Muito obrigado eu já estou calejado
Não quero mais andar na contra-mão[..]

Raul Seixas ao dizer que outra amiga, desta vez da Bolívia, voltou, pode estar se referindo aos exilados que agora retornam ao país, vindos de vários lugares. Grande parte de seus amigos continuam com os mesmos hábitos do final da década de 60 e início da de 70.

A Bolívia foi escolhida pois é um país onde a folha de coca, é de uso constante da população por causa da grande altitude e costumes. O saco de pó refere-se sem dúvida à cocaína, chamada por muitos apenas por pó, considerada pelos usuários quanto mais pura melhor. Raul responde ao convite com um não por já ter parado de 'hunfz' — barulho que remete a uma respirada bem funda — querendo dizer que já tinha parado de cheirar cocaína, e relembra os velhos tempos quando acordava pelo chão.

[..]Titia que morava na Argentina voltou
Riu de mim porque eu não entendi
Me trouxe uma caixa de perfume ê ê
Daquele que não tem mais por aqui

Eu disse não não não não
Não brinco mais carnaval
Cansei de desmaiar no salão
Muito obrigado eu já andei perfumado
Não quero mais andar na contramão[..]

Para finalizar a música, Raul vai falar sobre o lança-perfume, muito utilizado nos carnavais antes de ser proibido no Brasil, e parece direcionar esta droga ao movimento do yê-yê. Mais uma vez Raul se esquivava da titia ao dizer que não brinca mais carnaval, pois desmaiou várias vezes no salão, desmaios temporários provocados pela droga. A canção foi veiculada em 1988, e foi uma das primeiras a brincar tão claramente com o assunto das drogas. No período militar a música não tinha a menor chance de passar pela censura, mais o saudosismo volta a lembrar que em pleno governo militar, os jovens se drogavam muito combatendo os dizeres de hoje, que se remetem a uma ausência de drogas no militarismo.

A droga motivadora de Raul foi sem dúvida a cachaça. Viciado em bebida, se apresentou várias vezes bêbado, onde mal conseguia cantar e falar com o público, não

apenas em show, mas também em apresentações de TV e rádio. Como ele mesmo diz nesta canção, era *Movido a Álcool*⁸⁰

[..]Diga, seu dotô as novidades
Já faz tempo que eu espero
Uma chamada do senhor
Eu gastei o pouco que eu tinha
Mas plantei aquela cana
Que o senhor me encomendou

Estou confuso e quero ouvir sua palavra
Sobre tanta coisa estranha acontecendo sem parar
Por que que o posto anda comprando tanta cana
Se o estoque do boteco
Já está pra terminar [..]

Raul então vai tirar um sarro no plano do pró-álcool, onde os militares lançariam o primeiro carro movido a álcool, essa foi a solução encontrada pelos generais para fugir dos aumentos dos preços dos barris de petróleo. O autor, então, simula uma consulta ao médico que lhe encomenda o plantio da cana, como forma de prevenir qualquer aumento do preço ou extinção do produto. A cana pra Raul deve ser utilizada para fazer cachaça, por isso o questionamento dele em perguntar o porquê do posto comprar tanta cana, uma vez que o estoque do boteco está pra terminar. O pânico da falta de pinga assombra Raul.

[..]Derramar cachaça em automóvel
É a coisa mais sem graça
De que eu já ouvi falar
Por que cortar assim nossa alegria
Já sabendo que o álcool também vai ter que acabar?

Veja, um poeta inspirado em Coca-Cola
Que poesia mais estranha ele iria expressar?
É triste ver que tudo isso é real

⁸⁰ SEIXAS, Raul : COELHO , Paulo. BARRETO Tânia.e RASMUSSEM , Oscar .Movido a álcool. In Porque os Sinos dobram. São Paulo. Warner. 1979.faixa 8

Porque assim como os poetas
Todos temos que sonhar[...]

O descontentamento com a novidade faz o autor expressar que não existe nada mais sem graça que automóvel também beber cachaça. Agora não somente ele, mas os carros também passariam a ser movidos a álcool. Raul expressa a estranheza de alguns compositores sóbrios, utilizando Coca-Cola como inspiração criando uma poesia careta, e centrada no mundo real, longe da fantasia trazida pela bebida. Termina dizendo que todos devemos sonhar, bêbados ou não.

O problema de Raul com o álcool o levou diversas vezes à internação. Em uma destas experiências compôs uma de suas canções mais famosas *Check Up*,⁸¹ que conta o dia a dia da rotina das drogas legalizadas: os remédios utilizados para o tratamento de viciados. Esta canção também possui duas versões, a original e a montada para estúdio. Trabalharemos só com a versão do estúdio pois a censurada é apenas a explicação das metáforas da versão legalizada.

[...]Acabei de dá um check-up geral na situação
O que me levou a reler
"Alice no País das Maravilhas"..
Acabei de tomar meu Kilindrox
Meu Discomell e outras pílulas mais
Duas horas da manhã
Recebo nos peito
Um Plofts Pluft 25
Eu vou dormir quase em paz
E a chuva promete não deixar vestígio..[...]

Raul comenta o fato de ter passado por uma clínica de tratamento onde repensou toda sua vida pela falta do que fazer, e acabou por reler o conto de título totalmente sugestivo "*Alice no país das maravilhas*". Conto no qual a menina vai para o mundo das maravilhas quando come um pedaço de cogumelo, portanto o país das maravilhas aqui é as drogas. O Kilindrox é o Diempax, Discomell, o famoso vale um dez, o plofts pluft

⁸¹SEIXAS, Raul. Check-up In: *A Pedra do Gênesis*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1988. 1LP. faixa 3.

25 é o Triptanol 25 mg, remédios que controalm o humor e fazem dormir. Depois de uma bateria de medicamentos o viciado pode dormir totalmente sossegado e inconciente.

III.II SEXO – MACHISMO E PERVERSÃO

Para trabalhar o tema sexo nas composições de Raul Seixas, procuro abordá-lo através da quebra da moral social. Vários autores escolheram, ao tratar deste assunto, a visão amável de Raul. Por notar esta visão já bem trabalhada, busco então o que chamam de a banda podre, aquelas músicas que falam sobre temas chocantes: a perversão, o machismo, a ironia sexual, o sexo como algo quente e prazeroso, seguindo bem o lema da bandeira levantada.

Para Raul Seixas, o sexo podia ser encarado com grande grau de perversão, o amor está ligado diretamente ao tesão. O casamento passa a se tornar algo diferente da moral cristã. Podemos perceber uma idéia de amor anticonvencional na letra da canção *Fazendo O que O Diabo Gosta*.⁸²

[..]Casamos no motel
Bem longe do altar
Lua de mercúrio, fogo e mel
Não fui o seu primeiro
Você já tinha estrada
Dois filhos,Um travesseiro e a empregada

Um anjo embriagado num disco voador
Jurou que o nosso amor era pecado
Mas a história mostra
Que a gente agrada a Deus
Fazendo o que o diabo gosta[..]

O casamento em um motel não é nada convencional, se distancia bastante da moral e dos bons costumes. De acordo com a ética cristã deve ser realizado no altar da

⁸² SEIXAS, Raul. Fazendo o que o Diabo gosta In: *A Pedra do Gênesis*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1988. 1LP, faixa 4.

igreja. A lua de mel então se torna lua de mercúrio, fogo e mel. O fogo marca a presença do sexo quente. O autor quebra com mais uma postura social, o voto de castidade em que a mulher se casa virgem. Para Raul, isto não importava. Não só se casou com uma mulher que não era virgem, como uma que já tinha duas filhas e família constituída.

Raul critica a postura da igreja, e coloca uma confusão de moral ao questionar um anjo embriagado, em um disco voador que estava em outro mundo, dizendo que a religião não acompanhou a modernidade. Por isso não era digna de dizer que seu amor era pecado. Mas se fosse, também não haveria problema, pois a “história mostra que a gente agrada a Deus fazendo o que o diabo gosta”. Esta frase desmorona com todo o princípio católico de julgamento, pois relembra as atrocidades cometidas pela igreja católica na idade média, que mais lembram coisas do demônio.

[..]Casamos por tesão
Tesão, tesão, tesão
Bateu, pegou não tem mais solução
Te entrego os meus medos
Meus erros,meus segredos
Divido minhas guimbas com você

Quebramos nossas caras
Pra se lambar depois
Amor e ódio é o certo pra nós dois
Casamos no motel
Bem longe do altar
Lua de mercúrio, fogo e mel
Fogo e mel[..]

O amor é o tesão, fonte fundamental para o sexo. A vontade de transar leva o autor a perder os medos , entregar o segredos, dividir as despesas. Assim como todo relacionamento, tem as brigas. Já o fato de se lamberem, lembra o sexo oral, como aquele casal que briga e faz as pazes na cama. Um relacionamento movido apenas pelo tesão.

O amor é algo sem limites para Raul. Não importa a moral ou o que fazem as pessoas, sejam elas diferentes ou não. Afinal, a prostituta também ama e é amada. O

estranho é alguém compor e escrever sobre um amor por uma prostituta como na canção *Babilina*⁸³.

[..]Babilina Babilina
saia do bordel
Oh Babilina Babilina
sai desse bordel

Eu tava seco a muito tempo quando eu lhe conheci
Provei do seu chamego e nunca mais me esqueci
A noite cê trabalha diz que é pra me sustentar
Passa o dia exausta que nem pode me olhar
É dentro de casa que eu te quero meu amor
Larga desse emprego baby por favor[..]

Quando cê chega com a bolsa entupida de tutu
Imagino quanta gente se deu bem no meu baú
Você me garante que não sente nada não
E que só comigo você tem satisfação[..]

A música traz a tona a história de um homem, que estava seco há muito tempo, não tinha uma noite de amor com uma mulher e resolveu então pagar por essa noite. O que não esperava é que iria se apaixonar perdidamente pela prostituta, e iria morar junto com ela. A troca de valores vai mais longe. A mulher é quem sustenta o homem através da prostituição. Ela também o ama ao dizer que apenas com ele sente prazer. Seu marido sente ciúmes ao ver que ela chega em casa com bastante dinheiro, o que significa muitos parceiros na noite, e vive pedindo para que ela saia do bordel, pedindo exclusividade do seu amor. É a relação de um homem pedindo à sua mulher fidelidade. O que chama muito a atenção é que o autor trata a prostituição como um emprego qualquer, e termina a canção com a expressão em inglês, que traduzida diz: "essa é a minha menina eu a amo mesmo assim", ou seja, mesmo ela sendo uma prostituta.

No período militar a censura perseguia não apenas letras de conteúdo político. Letras de sexo, ou contra a moral vigente, foram censuradas batendo recordes de proibição, o que foi denominado por Raul como censura moral. As canções que falavam sobre experiências sexuais, como as de Odair José não escaparam da censura,

⁸³SEIXAS, Raul. Babilina In: *Carimbador maluco*.: 1983. 1LP faixa 12

as canções de Raul também não escaparam. Entre as que foram censuradas pode-se destacar *Quero mais*⁸⁴, gravada com participação especial da Vanderléia.

Cheiro de mato, cheiro morno o seu chamego
Tenho sede o seu suor é água que eu quero beber
Lhe faço festa, faço dengo lhe mordendo
E essa coisa vai crescendo lhe derramo em você

Ai, ai, ai, eu quero mais
Ai, ai, ai, eu quero muito mais

[..]O nosso beijo é doce que nem rapa-dura
É uma dor que não tem cura que é bom de deixar doer
O mundo para enrolado nesse abraço
E no disparo do compasso a gente mexe sem querer

Eu quero mais, muito mais dessa brincadeira
Se enrolando na esteira coisa boa de brincar
Eu sou que nem um vira-lata vaga-bundo
E o meu maior prazer no mundo é ter você pra farejar

O ritmo do baião cadencia a música. O cheiro morno é como se fosse o aroma do cio, cheiro de sexo e a semelhança da água com o suor relembra algo selvagem. O amor então vira uma festa, mordidas, lambidas que levam ao tesão e suas conseqüências, como a ereção e termina por derramar o orgasmo na companheira.

No refrão da canção, tanto Raul quanto Vanderléia simulam gemidos fortes, e o pedido de quero mais, como se o sexo fosse uma sede insaciável. O beijo é doce, o abraço leva os dois a se mexerem, e sempre gemendo e pedindo mais.

O sexo se torna algo animalesco e pervertido, começa como uma brincadeira de se enrolar na esteira, desmanchando a idéia do sexo somente como reprodução. A animalização se dá na metáfora do cachorro vagabundo, que tem seu maior prazer em ter a sua cadela para farejar, como se a mulher ficasse no cio e o homem, atrás, esperando a oportunidade para se aproveitar da ocasião. Raul termina a canção com a mulher se queixando da vida e ele pedindo mais, dizendo que não é machão, apenas fica assim querendo mais.

⁸⁴ SEIXAS, Raul. Quero Mais, In: *Carimbador maluco*. São Paulo: 1983. 1LP faixa 7

Raul sempre apresentou a imagem do homem viril, forte, sempre querendo mais. De certa forma, parecia às vezes preconceituoso. Nos últimos anos apresentou-se no meio acadêmico muitos trabalhos sobre a liberdade sexual, ligados principalmente ao feminismo e ao homossexualismo. O machismo ficou fora do processo, com a existência de um receio sobre o assunto, mas é inevitável falar de sexo em Raul sem falar de machismo.

A idéia do machão é presente o tempo todo em sua obra. Sempre o homem que não se cansa de fazer amor, um amor, como já vimos, selvagem, como pode ser confirmado em outra canção *Pagando Brabo*⁸⁵.

[..]Eu quero é ver você sorrir
As quatro e meia da manhã
Com a cara linda de dormir
Se espreguiçando no divã

Olhando pra mim sem ter ponta de cigarro no cinzeiro
Fugindo de mim, disfarçando, se escondendo no banheiro
Eu quero é ver você mexer, eu quero é ver, eu quero é ver...

Eu quero é ver você pedir
Querendo mais quando acabar
Eu quero é ver você sentir
Vontade de me machucar

Dizendo que sim, que eu faço, que aconteço o dia inteiro
Em pé pra assumir, eu e tu fazendo ioga no chuveiro
Eu quero é ver você mexer, eu quero é ver...
Quero é ver você mexer!!![..]

Na música, aparece a idéia da mulher e do homem que não dorme, que fazem amor até quatro e meia da manhã, e depois de uma noite de sexo. A mulher corre como se fosse uma brincadeira se escondendo no banheiro, ou disfarçando por não agüentar mais fazer sexo. Raul ressalta sua disposição quando deseja ouvir o pedido de mais, e retoma o sexo brutal, vontade de ser machucado, e se idolatra ao dizer que faz e

⁸⁵ SEIXAS, Raul; *Pagando Brabo*. In: *Mata Virgem*. Made in Brasil: WEA. 1978. 1LP faixa 8

acontece o dia todo, e até em pé, pra assumir sua masculinidade, fazendo “ioga”, sexo debaixo do chuveiro.

Raul Seixas não apenas retoma sua masculinidade como aparece algumas vezes como preconceituoso, alegando que o certo é homem com mulher e pronto, tirando um sarro em quem não segue esta linha de pensamento. Raul vai zombar até a ala esquerdista no Brasil que defendia as liberdades sexuais, e os cabeludos que antes mostravam um sinal de rebeldia, já não era confiável, pois, o homossexualismo ficava cada vez mais escancarado, e o cabelo grande podia significar outra coisa, como podemos ver no trecho de *As aventuras de Raul na cidade de Thor*.⁸⁶

Hoje a gente já nem sabe
De que lado estão certos cabeludos
Tipo estereotipado
Se é da direita ou dá traseira
Não se sabe lá mais de que lado.

Raul ficou mais conhecido como preconceituoso por causa do grande sucesso de *Rock das Aranhas*⁸⁷. A música foi barrada por censura moral, pois conta a história de duas lésbicas, que estavam se amando, pra indignação de Raul. A música atingiu grande sucesso mesmo censurada. Depois de alguns anos ele iria regravar a música e oferecer para Maria Betania, Gal Costa e com todo respeito para Simone.

Subi no muro do quintal
E vi uma transa que não é normal
E ninguém vai acreditar
Eu vi duas mulheres
Botando aranha prá brigar

Duas aranhas, duas aranhas
Duas aranhas, duas aranhas
Vem cá mulher deixa de manha
Minha cobra quer comer sua aranha[...]

⁸⁶ SEIXAS, Raul e COELHO, Paulo, *As aventuras de Raul na Cidade de Thor* In: *Gita*. Made in Brasil: Philips, 1974. 1CD, faixa 7

⁸⁷ SEIXAS, Raul. *Rock das aranhas* In: *Abre-te Sésamo*. São Paulo: CBS. 1980. 1LP faixa 7

A aventura começa na curiosidade em olhar através do muro do quintal, e vê uma transa que não era normal, era inacreditável. Eram duas mulheres transando. Raul utilizou a metáfora da aranha representando a vagina, e a cobra sendo o pênis. Mostra seu lado preconceituoso ao dizer que isto é manha, e deseja mostrar pra mulher o lado bom de verdade do sexo, precisa apenas que elas deixem de manha, pois sua cobra faz o resto.

[..]Meu corpo todo se tremeu
E nem minha cobra entendeu
Cumé que pode duas aranhas se esfregando
Eu tô sabendo, alguma coisa tá faltando

É minha cobra, cobra criada
É minha cobra, cobra criada
Vem cá mulher deixa de manha
Minha cobra quer comer sua aranha[..]

O autor ainda ressalta a vontade masculina de possuir duas mulheres na cama. Ao ver as mulheres transando seu corpo treme de tesão, e sua cobra não entende. Esta é mais uma visão machista em que o homem parece ter duas cabeças, a racional e a do pênis que age por emoção. O autor olha indignado e percebe que aquilo não está certo pois falta alguma coisa. A vagina exige um complemento e esse complemento é o pênis. O autor percebe que não há nenhum pênis, portanto, é o seu que está faltando. A cobra criada é o sinônimo de cobra macho que gosta de aranha, mais uma vez Raul exalta sua masculinidade.

[..]Deve ter uma boa explicação
O que é que essas aranhas tão fazendo ali no chão
Uma em cima, outra embaixo
A cobra perguntando onde é que eu me encaixo?

Soltei a cobra e ela foi direto
Foi pro meio das aranhas
Prá mostrar como é que é certo
Cobra com aranha é que dá pé

Aranha com aranha sempre deu jacaré

É minha cobra com as aranha

É minha cobra com as aranha[..]

Raul parece não acreditar e se pergunta por uma explicação: afinal de contas o que elas estão tentando fazer? Sua cobra despreocupada com a explicação somente se questiona onde vai encaixar, é o sentimento a flor da pele. O autor então obedece ao comando da cobra e a solta, ela vai direto pro meio das aranhas para se encaixar. Deixa de ser um mero expectador e parte para a ação. Raul, ao dizer à sua cobra para mostrar como é o certo, está claramente dizendo que o homossexualismo é errado, e ainda faz piadinhas dizendo que mulher com mulher é jacaré, e assim sucessivamente.

Esta visão de Raul Seixas é marca constante em suas entrevistas. Uma delas, uma gravação pirata, em que Raul diz “plug com plug não dá nada, tomada com tomada não dá nada, não existe contato, portanto, Rock das Aranhas é a homenagem ao não contato, pois o certo plug e tomada, só assim dá circuito, pois foi assim que Deus nos fez e para isso que nos mandou aqui”.⁸⁸

Para encerrar, Raul ainda defende e tenta explicar o seu machismo e sua perversão ironizando jogando a culpa em sua mãe, como podemos ver em *Quando acabar, o maluco sou eu*.⁸⁹

[..]A minha enfermeira tem mania de artista

Trepa em minha cama, crente que é uma trapezista

Eu não vou dizer que eu também seja perfeito

Mamãe me viciou a só querer mamar no peito[..]

⁸⁸ [www.youtube.com <http://www.youtube.com/watch?v=LHHY1slG1h>](http://www.youtube.com/watch?v=LHHY1slG1h) acesso em 25/06/2008

⁸⁹ SEIXAS, Raul. Quando acabar o maluco sou eu, In : *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah_béin-Bum!*. Rio de Janeiro: Copacabana.1987. 1LP faixa 1

CONCLUSÃO

Raul Seixas foi sem dúvida um dos grandes compositores do Brasil, sua obra ainda hoje faz sucesso no público jovem. Muitas vezes ficou famoso como o Maluco Beleza. No decorrer do trabalho tentei mostrar a visão dele como maluco, maluco que nunca gostou de ser rotulado em nenhum gênero musical, em nenhuma linha de luta. Com suas letras metafóricas, usou e abusou de suas músicas para criticar o sistema, não apenas em sua forma política, mas também a sociedade brasileira que vivia em valores diferentes dos de Raul. Para concluir, vou trabalhar com a letra de uma canção, que marcou sua carreira. Seu primeiro grande sucesso, é também uma de suas mais belas canções que retratava não apenas o cotidiano, mas a política e os valores da época, no auge do regime militar *Ouro de Tolo*⁹⁰.

[..]Eu devia estar contente
Porque eu tenho um emprego
Sou um dito cidadão respeitável
E ganho quatro mil cruzeiros por mês

Eu devia agradecer ao Senhor
Por ter tido sucesso na vida como artista
Eu devia estar feliz
Porque consegui comprar um Corcel 73

Eu devia estar alegre e satisfeito
Por morar em Ipanema
Depois de ter passado fome por dois anos
Aqui na Cidade Maravilhosa

Ah! Eu devia estar sorrindo e orgulhoso
Por ter finalmente vencido na vida
Mas eu acho isso uma grande piada
E um tanto quanto perigosa [..]

⁹⁰ SEIXAS, Raul, *Ouro de Tolo* IN: *krig-há, bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP, Lado B, faixa 5

Raul Seixas em *Ouro de Tolo*, conta sua história de vida no Rio de Janeiro, a sua saída da Bahia para trabalhar na CBS, lembrando que a música foi composta antes do sucesso. O título faz referência justamente aos valores, ouro de tolo não vale nada é somente uma enganação assim como o sistema político brasileiro.

Na primeira estrofe, Raul parece fazer uma apologia ao dito milagre econômico, ao dizer que tem um bom emprego, é um cidadão respeitado, e consegue comprar um carro do ano. Também agradece ao Senhor, referindo-se a Deus com ironia por tê-lo deixado passar fome por dois anos na tal cidade maravilhosa, cartão postal de propaganda que esconde a verdade da miséria. O autor ainda afirma que deveria estar sorrindo e orgulhoso, mas isso é ridículo, afinal estávamos sobre um regime ditatorial, e se quietar tornava algo perigoso, a aceitação do sistema.

[..]Eu devia estar contente
Por ter conseguido tudo o que eu quis
Mas confesso abestalhado
Que eu estou decepcionado

Porque foi tão fácil conseguir
E agora eu me pergunto: E daí?
Eu tenho uma porção de coisas grandes
Pra conquistar, e eu não posso ficar aí parado [..]

Raul trabalha a questão de se enxergar como um abestalhado, e não se rotular como um intelectual. Ele conseguiu aquilo que era o sonho da massa, mas estava decepcionado porque foi fácil conquistar a riqueza. O seu objetivo, a luta pela liberdade, ainda não tinha sido alcançado. Era necessário então continuar lutando, nunca ficar parado, levando desta forma a mensagem a seus ouvintes, como se fosse uma chacoalhada, incentivando a população a uma reação contra a alienação ilusória de um frágil sistema econômico.

[..]Eu devia estar feliz pelo Senhor
Ter me concedido o domingo
Pra ir com a família ao Jardim Zoológico
Dar pipoca aos macacos

Ah! Mas que sujeito chato sou eu
Que não acha nada engraçado
Macaco, praia, carro, jornal, tobogã
Eu acho tudo isso um saco [...]

Os valores da época vão ser questionados. Praia, família e jornal, é como se tudo isso fosse programado pelo sistema, levando o cidadão a um condicionamento. O jornal era manipulado e cheio de mentiras, a família era a sustentação ideológica para o golpe de 64 — a marcha da Família com Deus, levou os militares a uma legitimação popular. O carro representa o bem material, símbolo completo do capitalismo. O autor se julga um chato por não acreditar nestes valores, não acha graça nenhuma nisso, mostrando que seus valores são outros. A liberdade era sua maior preocupação, e esta não existia.

[..]É você olhar no espelho
Se sentir um grandessíssimo idiota
Saber que é humano, ridículo, limitado
Que só usa dez por cento de sua
Cabeça animal
E você ainda acredita que é um doutor, padre ou policial
Que está contribuindo com sua parte
Para nosso belo quadro social [...]

A estrutura do regime militar será duramente questionada, através da visão de um homem que assume a sua ignorância frente ao espelho. Isto gera um clima de desconforto para aqueles que se julgam perfeitos, mostrando a limitação da mente humana e a ridicularização da humanidade. Raul ataca os pilares da ditadura ao questionar o policial, representando o militares, os doutores, representantes da intelectualidade, os padres e as instituições religiosas, a ética, cultura, a moral e a ordem. O autor provoca-os sobre o seu verdadeiro papel na sociedade. Se estes acreditam em sua colaboração para a sociedade, são incapazes de ver o péssimo quadro social que vive a população brasileira.

[..]Eu que não me sento
No trono de um apartamento
Com a boca escancarda cheia de dentes
Esperando a morte chegar

Porque longe das cercas embandeiradas que separam quintais
No cume calmo do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora de um disco voador

A sociedade vai sofrer também a sua crítica pela postura da quietação, ao se conformar com aquilo que foi adquirido, e não criar uma perspectiva de vida, se colocando como ser passivo sentado em sofá, sendo receptor de propagandas esperando a morte chegar. As bandeiras que cercam os quintais é a presença do militarismo da ditadura, o regime de bandeiras nacionais por todos os lados da América, fruto da guerra fria, mais o autor ainda enxerga a esperança representada na figura do disco voador.

Raul Seixas fez muito sucesso com a música, que passou ilesa pelos censores da ditadura militar, e foi muito veiculada nas rádios. Burlar a censura era uma especialidade do Raul, em 1987 quando já havia terminado o regime militar, ele lança uma de suas obras que resume bastante, como ele lidava com o governo e a censura. Ressalta sua característica, machista e de maluco e bate o pé mais uma vez na falta de liberdade, desta vez em não poder escolher diretamente o presidente da república. Para acabar, então, *Quando acabar o maluco sou eu*⁹¹.

[..]Toda vez que eu olho no espelho a minha cara
Eis que sou normal e isso é coisa rara
A minha enfermeira tem mania de artista
Trepas em minha cama, crente que é uma trapezista
Eu não vou dizer que eu também seja perfeito
Mamãe me viciou a só quer mama no peito

Ehê, Ahá! Quando acabar o maluco sou eu
Ahá! Quando acabar, o maluco sou eu [..]

A primeira estrofe foi trabalhada no capítulo anterior, apenas ressaltando a importância de Raul se colocar como maluco, e questionar quem não é. Depois de tanto

⁹¹ SEIXAS, Raul. Quando acabar o maluco sou eu, In :*Uah-Bap-Lu-Bap-Lah_béin-Bum!*. Rio de Janeiro: Copacabana.1987. 1LP faixa 1

tempo taxado como maluco sempre fez aquilo que quis, graças a esta rotulação. Talvez se tivesse fama de intelectual, não ficaria tanto tempo no Brasil.

[..]O russo que guardava o botão da bomba "H"
Tomou um pilequinho e quis mandar tudo pro ar
Seu Zé, preocupado anda numa de horror
Pois falta um carimbo no seu "Tito" de eleitor

Eu sou louco mais sou feliz
Muito mais louco é quem me diz
Eu sou dono, dono do meu nariz
Em feira de Santana ou mesmo em Paris[..]

A guerra fria é ironizada. o tal medo dos comunistas era zombado por Raul que tira um sarro e brinca que a figura do protetor da bomba pode ser um bêbado maluco, que pensa em explodir o mundo se apenas tomar uma cachaça. Caçoa mais ainda a figura do seu Zé, o cidadão preocupado, pois falta um carimbo no seu título de eleitor — referindo-se à impossibilidade de se votar nas eleições presidenciais, que ainda eram indiretas. Raul mostra sua liberdade em qualquer lugar do mundo, pois será o mesmo tanto em Feira de Santana ou em Paris.

[..]Não burlo com governo, com polícia, nem censura
É tudo gente fina, meu advogado jura
Já pensou o dia em que o Papa se tocar
E sair pelado pela Itália a cantar
Ehê, Ahá! Quando acabar o maluco sou eu
Ahá! Quando acabar, o maluco sou eu[..]

O auge da letra é o trecho em que Raul diz não burlar com a censura, governo e polícia, coisa que mais fez durante a ditadura e continuava fazendo, e brinca com a ética do advogado ao julgar os governantes, a censura e a polícia como gente fina, apunhalando estes pelas costas, reafirmando que são todos mal caráter. O papa não escapou das brincadeiras, e nem da crítica, Raul mostra imaginação maluca, ao

imaginar o Papa se tocando da verdade, e sair pelado pela Itália, chocando a sociedade e cantando Raul Seixas.

Ele mostra sua diversidade de tantos temas, e imaginação em várias composições, dando liberdade de interpretação para suas canções. Foi sem dúvida maluco demais, um grande pensador que escreveu sobre vários temas, mas sempre criticando a ditadura militar e pregando a liberdade, em seu mais amplo sentido.

FONTES E REFERÊNCIAS

Discos

SEIXAS, Raul. *Abre-te Sésamo*. São Paulo: CBS. 1980. 1LP

SEIXAS, Raul e Novas, Marcelo. *A Panela do Diabo*. Made in Brasil: WEA. 1989. 1LP

SEIXAS, Raul. *A Pedra do Gênesis*. Rio de Janeiro: Copacabana. 1988. 1LP

SEIXAS, Raul. *Carimbador Maluco*. , 1983. 1LP

SEIXAS, Raul. *Gita*. Made in Brasil: Philips, 1974. 1LP

SEIXAS, Raul. *let mi sing my rock'n roll*. . 1985. 1LP

SEIXAS, Raul. *Mata Virgem*. Made in Brasil: WEA. 1978. 1LP

SEIXAS, Raul. *Metrô Linha 743*. São Paulo: Som Livre. 1984. 1LP

SEIXAS, Raul. *Novo Aeon*. Made in Brasil: Philips. 1975. 1LP

SEIXAS, Raul. *O Dia em que a terra parou*. Made in Brasil: WEA.1977. 1LP

SEIXAS, Raul. *O rebu*. São Paulo: Som livre. 1974 1LP

SEIXAS, Raul. *Porque os Sinos dobram*. . Made in Brasil: WEA. 1979. ILP

SEIXAS, Raul. *Se o rádio não toca*. Made in Brasil: Philips, 1994. 1LP

SEIXAS, Raul. *Sociedade da Grã ordem Kavernista apresenta Sessão das dez*. São Paulo: CBS. 1969. 1LP faixa

SEIXAS, Raul. *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah_béin-Bum!*. Rio de Janeiro: Copacabana.1987. 1Lp

Referências

ABONIZIO, JULIANA. *O Protesto dos Inconseqüentes*: Raul Seixas e micropolítica. Assis,1999.474 f.dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Disponível em <<http://groups.msn.com?RaulRockClub?julianaabonizio.msnw>> Acesso em:02.06. 2008

ALVES, Luciene. *Raul seixas o sonho da sociedade alternativa*. São Paulo: Martin Claret,1993

BLOCH, March. *Apologia da História ou O ofício do historiador*; prefácio Jacques le Goff; apresentação a edição brasileira, lilia Moritz Shwarcz; tradução, André telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BOSCATO, Luiz.*Vivendo a sociedade alternativa*: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem. 2006. Tese. (Doutorado em história)- USP, São Paulo,2006

CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003.*SEIXAS, Raul. *krig-há,bandolo*. Made in Brasil: Philips, 1973. 1LP

CORRÊA, Tupã Gomes. *Rock, nos passos da moda: Mídia, Consumo x Mercado Cultural*. Campinas: Papirus, 1989

DEVIDES, Dílson. *30 Anos de rock: Raul Seixas e a cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007

HOBSBAWM, Eric. *História social do jazz*: [Tradução Angela Noronha]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

LUCENA,Mario. *Raul Seixas filosofias políticas e lutas a verdade absoluta*. Sao Paulo: MacBel oficina de letras, 2002

MARMO, Hérica. *A canção do mago: a trajetória musical de Paulo Coelho*, São Paulo: Futuro Comunicação, 2007

MATHOS, Marco Aurélio Vannucchi, SWENSSON. Walter Cruz. *Contra os inimigos da ordem; arepressão política da ditadura militar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

NAPOLITANO, Marcos. *História e música, História cultural da música popular*. Belo horizonte: Autêntica, 2002

NERY, Emilia Saraiva. *Devires na música popular brasileira: As aventuras de Raul Seixas e as tensões culturais no Brasil dos anos 70* (Mestrado em história)- UFP, teresina, 2008

PASSOS, Sylvio e BUDA, toninho. *Raul seixas, uma antologia*. São Paulo: Martin Claret, 1992

TAVARES, M. H. e WEIS, L. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

Sites

www.youtube.com <<http://www.youtube.com/watch?v=LHHY1slG1h>> acesso em 25/06/2008

Wikipedia, Enciclopédia virtual <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sioux>> acesso em 25/06/2008

Videos

<<http://www.youtube.com/watch?v=LHHY1slG1h>> acesso em 25/06/2008

Raul Seixas, Indie records, 2006 DVD